

AUTORES & LIVROS

26/10/941 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ" publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 11

TRES ESCRITORES BRASILEIROS

Uma coincidência do calendário — o fato de passar a data da morte de cada um deles em dias tão próximos uns dos outros — decretou que no mesmo número de nosso suplemento apareçam comemorados três escritores de momentos diferentes e de diferentes regiões brasileiras: Joaquim Serra, Araripe Junior e Amadeu Amaral.

Joaquim Serra era maranhense e nasceu em 1838; foi, caracteristicamente, jornalista e poeta. Araripe Junior era cearense e nasceu em 1848; foi romancista e, prevalentemente, crítico. Amadeu Amaral era paulista e nasceu em 1875; foi mais complexa a sua fisionomia, pois ele, literariamente, pertencia a todos os gêneros, deixando formosos livros de versos, coleções de ensaios literários penetrados de boa erudição crítica, um estudo longo de filologia brasileira, e contos, novelas, talvez caminhos iniciais de um futuro romancista interessantíssimo, que não chegou a existir; e isso tudo sem falar de sua atividade de jornalista, que foi sempre intensíssima, em São Paulo e no Rio.

Tres individualidades literárias muito distintas, cada uma lavrando superiormente o seu campo. Mas acreditamos que em certos traços gerais elas se unem. E vem-nos a meditação de que será oportuno descobrir, na sua diversidade aparente e numerosa, os laços de afinidade que as aproximam.

É o primeiro desses laços que parece bem fácil de descobrir: reside nesse ardente sentimento de alma e coração brasileiro, nesse sentimento que hoje chamariamos de *brasilidade*, que é comum aos três escritores...

Vêmo-lo, primeiramente, em Joaquim Serra. Esse escritor teve, como poucos outros, a consciência nítida das realidades brasileiras. As poesias de sua mocidade, reunidas nos seus vários livros, principalmente nos "Quadros", transpiram um apaixonado sentimento americano e nacional. Eis um poeta em idílio constante com a sua terra ingênua e bravia; eis um poeta em idílio com o seu povo, com os rudes homens do trabalho humilde das cidadezinhas do interior, com as sertanjas morenas, formosas e tentadoras, que tanta vez acendiam fúrias entre rivais apaixonados... Brasileiro como o poeta, era o jornalista e escritor dos assuntos sociais.

Serra foi um dos grandes agitadores da campanha abolicionista; apenas foi o mais discreto, e o mais modesto deles. E no dia da vitória da Abolição (como registou o mais carinhoso dos seus amigos) em vez de ir para a praça pública, receber os aplausos do Brasil enfim liberto, recolhendo-se à poesia do seu lar, para celebrar, só com a esposa e os filhos, a causa defendida tanta vez com heroísmo pela sua pena infatigável...

Quando a Araripe Junior, sua ação de cidadão brasileiro foi sempre predominante. Em primeiro lugar o foi no terreno da atuação de crítico. Ele se constituiu uma voz sempre alerta para mostrar aos brasileiros quais os caminhos que, nos assuntos da cultura literária, deveriamos trilhar. Sua pena, capaz de tão grandes entusiasmos, sabia indicar com precisão esses caminhos. Quando um grande autor, um grande livro despertava a sua atenção, como ele se erguia, sem cansaço, para proclamar o esplendor do mérito que havia descoberto! E' relar, por exemplo, a série de artigos que dedicou ao "Ateneu", de Raul Pompéia, ao "Homem", de Aluizio Azevedo, mais tarde o estudo que dedicou aos "Sertões", de Elydes da Cunha, livros, a propósito dos quais a pena do mestre analista ia tirando consequências, consequências de consequências, num jogo de lógica, de movimentação de idéias, numa agilidade de espírito, que é pasmosa. Não é possível compreender — a não ser por esse absoluto desamor às coisas do espírito, que existe no Brasil — que tais páginas não tenham sido recolhidas ainda a livros.

Mas não foi somente na sua doutrinação de crítico que Araripe Junior revelou as tendências brasileiras de seu espírito: foi também o foi sobretudo na defesa que fez sempre da *lingua brasileira* — o que constituía, no seu momento, uma antiécia escandalosa, o que o colocava na vanguarda dos autores mais característicos da atual geração. Basta verificar, nesse sentido, quais foram os escritores brasileiros que ele escolheu para temas de livros; foram Gregório de Mattos e José de Alencar. O primeiro foi o iniciador de muitas crônicas; foi, por exemplo, quem pela primeira vez meteu em versos de corte rigidamente português as salobras palavras indígenas; foi quem pela primeira vez mostrou aos leitores lusitanos que havia no seu idioma, quando transportado para

as plagas americanas, uma nova cor, uma nova intuição de arte, um novo instinto, que era peculiar à nova terra... Araripe Junior foi um entusiasta da tese da língua brasileira. Referindo-se, em 1891, à liberdade de linguagem de Alencar, e explicando a posição do autor de "Guaraní" com referência a essa questão, ele dizia, com uma lucidez esplêndida: "Não teve porém (Alencar) a precisa decisão para aceitar a desforra completa e inequivoca. O verdadeiro alvitre seria não escrever um livro sobre a língua como prometeu, nem entrar em questões de nomada, porque afinal de contas não é por colocar-se o profume mais atrás ou mais adiante que deixaremos de seguir a nossa grande viagem para os Andes. A resposta única que José de Alencar tinha a dar era — que de fato não punha muito empenho em saber a língua portuguesa — que o seu propósito era *corrompê-la* no máximo grau... recordando que só depois de algumas sorrisadas, como as que ele ia fazendo, se poderia dizer que no Brasil se falava alguma coisa parecida com língua de gente..." Eis aí o que é maravilhosamente dito.

Quando a Amadeu Amaral, sua posição foi muito próxima à de Serra e à de Araripe. Mas Amadeu encarou de maneira diferente o assunto, não se limitando às generalidades das teorias em que ficou o autor de "Miss Kate". Fez um trabalho mais completo, num terreno mais útil: foi às fontes puras do povo, auscultou a alma da nacionalidade, no seu recanto de São Paulo. E o livro que nos deu nesse assunto, o seu "Dialeto Capira", é bem digno de servir de modelo a todos os que, através destes territórios enormes que formam o Brasil, se preocupam com os problemas da diferenciação do idioma falado em nossa terra e do idioma falado em Portugal.

Aí está um primeiro grande laço geral, unindo as fisionomias dos três escritores que celebramos em nosso suplemento de hoje. Haveria talvez outros laços, igualmente importantes, que igualmente se aproximam. Por aqui ficamos, para deixar ao leitor o prazer de fazer por si mesmo essas outras identificações no campo da psicologia literária — identificações que são tão sugestivas, que tanto desafiavam a nossa argúcia...



ARARIPE JUNIOR

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| PÁGINA 182: | PÁGINA 201: |
| — Três escritores brasileiros | — Epigramas e madrigais, de Amadeu Amaral |
| — Sumário | |
| PÁGINA 184: | PÁGINA 203: |
| — Perfil de Araripe Junior, de Felix Pacheco | — Algumas poesias de Amadeu Amaral: |
| — Opiniões de Araripe Junior | — Saudade; Canção; Voz interior; Narração. |
| PÁGINA 195: | — Epigramas e madrigais (Continuação da página anterior.) |
| — A propósito do "Homem", de José Veríssimo | — Placa comemorativa a Joaquim Serra |
| — Planície, de Araripe Junior | PÁGINA 205: |
| — A crítica de Araripe Junior, de Ronald de Carvalho | — O selo da morte: Am meu camarada; Soneto; Orem — poesia de Amadeu Amaral |
| — Opiniões de Araripe Junior | — Notas à Linguagem de Calisto Tanzi, de Souza da Silveira. |
| PÁGINA 196: | PÁGINA 204: |
| — Raul Pompéia, de Araripe Junior | — Edifício Esplendor, poesia de Carlos Drummond de Andrade (com ilustração de J. P. Chabior) |
| — O sentimento trágico no século XIX (fragmento), de Araripe Junior | PÁGINA 206: |
| — Opiniões de Araripe Junior | — Poesia, selo de guerra, de Alfonso de Guimarães Junior |
| — Espaço do feminismo. | — Nam herço perdido... poema de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira), com ilustração de Luis Bouras |
| — Araripe Junior e a sua preocupação de jornalista, de Silvio Romero. | — Perfil de Joaquim Serra (com ilustração da página 184) |
| PÁGINA 197: | PÁGINA 208: |
| — Correspondência de escritores, de Araripe Junior e João Ribeiro | — Galeria dos nomes ilustres |
| PÁGINA 198: | — Carlos Malheiro Dias |
| — A figura de Joaquim Serra, de Silvio Romero | — Da correspondência de João Ribeiro, Carta de C. Malheiro Dias |
| — Correspondência de escritores, Carta de Joaquim Serra a Machado de Assis. | — Notas à Linguagem de Calisto Tanzi (continuação da página 203). |
| PÁGINA 199: | — Amor e copulacão feminina, de Clementino Fraga (da Academia Brasileira) |
| — Correspondência de escritores, Carta de Amadeu Amaral a Coelho Neto. | PÁGINA 207: |
| — Joaquim Serra, de Machado de Assis | — A nova poesia de Mucio Leão |
| — Perfil de Joaquim Serra, de Olegário Mariano (da Academia Brasileira) | — Os "Palcos insistentes", de Henri Santeuil |
| PÁGINA 200: | PÁGINA 208: |
| — A morte de Amadeu Amaral, de João Ribeiro | — Perfil em pó, de Murilo Mendes, com ilustração de Triana Fox |
| — O caso da subdieria e da bondade, de Humberto de Campos | — A ronda das horas e dos deuses, poema de Ador Teófilo |
| — Que se melhore o povo da B-rotatara brasileira?, de Amadeu Amaral | — Sub tegmine fagi, de Joaquim Serra |
| | — Efemérides da Academia. |

A propósito do «Ibsen», de Araripe Junior — JOSE VERISSIMO

Nunca é tarde para falar de um bom livro.

Não será, pois para dizer do Ibsen, de Araripe Junior (Porto, Lello & Irmão) publicada já lá vai um ano. Tanto mais que sobre ele pesou quase completo o duro silêncio da crítica e do noticiário, ao invés do alvoroço causado pelo livresco do sr. Mito Picanha, que apareceu pouco depois.

Ah! se Araripe Junior fosse vivo e tivesse alguma probabilidade de ser presidente da República, ou sequer ministro de Estado ou governador de um dos nossos grandes Estados, como a crítica, a crônica, o noticiário e outras secções dos jornais, se não mobilizariam pressuroso e alvoroçado em lhe enaltecem o livro e o nome!

Meu pobre amigo, em que peze ao teu otimismo estreme de ironia, que o atenuasse, em que custe à tua bondade e à ingenuidade quase infantil com que te querias enganar sobre as coisas e os homens, consente que eu junte mais este fatiotezinho aos muitos com que, tu vivo, contrariaste as generosas ilusões. O teu muito amado e seguido Taine não o acharia despedaçado, e era até muito capaz, como sabes, de sobre ele arquivetar uma teoria completa da psicologia de certa gente. Mas se quisesse reforçá-la com outros quejandos "petits faits" só teria o embaraço da escolha. O meio e o momento, e a raça também, lhos forneceriam as carradas.

Com uma cultura literária e ainda filosófica não vulgar, um talento muito pessoal, imaginação e fantasia provadas em obras de ficção e até no teor da

sua crítica, Araripe Junior, cedendo talvez demasiado ao dilettantismo de que se liberta um pouco, teve sempre evidente pendor pelas novidades de ordem intelectual, maior do que seria de esperar de crítico tão esclarecido qual era. Havia ainda nele, mais instintivo que conciente, o receio, desconforto aliás com a sua situação literária, de parecer retardatário ou inatual. Portanto, não só todas as novidades, mas todas as extravagâncias literárias, encontram-no simpático e razoável. Era de ver como se empenhava por compor-se com elas, por justificá-las, por acomodá-las ao seu gosto pessoal ou este a elas. Literariamente foi sempre um revolucionário, um anarquista, no sentido filosófico destes termos.

Não que fosse autor ou promotor de algum levante ou sequer motim em nossas letras, mas porque os animou, acorçou e aplaudiu mais ou menos a todos. E ainda quando tais alvoroços lhe não mereciam a fácil adesão, jamais regateava aos seus fatores a sua liberal complacência. Acaso esta lhe ditou as palavras do prefácio deste livro, com que cordalmente se refere a reparos meus sobre a sua orientação crítica. Concedendo o que eu lhe havia notado, a exorbitante influência de Taine, Araripe Junior, com espírito e isenção explica-se lhasmente sobre o seu caso.

Importam as suas explicações em confissão preciosa para lhe compormos a filionomia de crítico e pensador. Reconhece que a influência de Taine "corrigiu algo de místico" que havia no seu temperamento de escritor. Do confronto que das suas

mesmas tendências fez com a do mestre, deixa-nos também induzir o que de fato ele é, e não custaria aliás, descobrir que é um otimista de temperamento e de estudo, um duvidoso determinista e um lírico. Enganava-se, todavia, julgando-se corrigido do que havia em si de místico. Se por mistificismos entendemos a predisposição ou tendência ao misterioso, a contemporização com o oculto, o gosto pelas explicações mais de sentimento que de razão, e ainda as cogitações que transcendendo os limites da metafísica entram no exoterismo, Araripe Junior não se desembarçava jamais, tanto quanto acreditava, do seu nativo misticismo. Este seu livro o prova, como também mais uma vez lhe patenteia o otimismo radical, o indeterminismo filosófico, o lirismo, que constitui o fundo da sua inspiração literária.

E' Ibsen um livro menos de simples crítica expositiva da obra de grande norueguês que de interpretação dessa obra e discussão de idéias gerais de filosofia literária e estética, com digressões, nem sempre necessárias — defeito muito nosso — sobre outras idéias correlativas que a obra prima é a dramaturgia de Ibsen suscitam. Composto embora de ensaios, primeiro separada e intermitentemente publicados, não deixa o livro de formar um todo completo. Começa por um estudo impressionista da tragédia esquilana e só depois de outros sobre o sentimento trágico no poema dantesco, na obra Shakespeariana e no século XIX, entra o autor, quase já em meio do livro, no estudo propriamente de Ibsen. Considera-o menos no formal da sua

obra poética e dramática que nas feições capitais e estímulos dessa obra e demora-se na exposição da filosofia que lhe parece possível tirar dela.

Não sei se a admiração e gosto de Araripe Junior e se não serão excessivos e se não haverá exagero em igualá-lo terminantemente, como se faz a Shakespeare. O grandioso dramaturgo inglês tem por si três séculos de admiração universal sempre crescente. Ibsen é de ontem, não passou ainda pelo crivo do tempo nem, como Shakespeare, pelo contraste da crítica de diversas épocas. Parece pelo menos inoportuna qualquer sentença na espécie. E' o tempo e não a crítica que verdadeiramente estabelece os valores humanos. Não tira que Ibsen seja digno de toda a estima de espíritos com Araripe Junior, ou o conde Prozor, a quem nós latinos devemos a sua revelação, e que não seja suma, verdadeira, a despeito de restrições cabíveis, à tese deste livro. Esta é que em Ibsen se encarnou o mesmo espírito da tragédia apenas modificado pelas condições do momento histórico. Que Ibsen seja, como quer ele, um autor claro e fácil, parece-me questionável.

Este mesmo livro e os longos prefácios de que os diversos tradutores de Ibsen lhe precedem as obras inculcam o contrário. Senão, dispensava-se tão prolixa e trabalhosa exegese.

Nesta — e os que conhecem a obra crítica, aliás, tão considerável, de Araripe Junior, já o terão presumido — contra, com muita ciência a inteligência do assunto e grande capacidade de análise, uma fortíssima dose de

imaginação e também de fantasia. De ambas era dotado e a ambas muito prezava Araripe Junior.

Da última faz apologia no livro, afirmando que "sem esse elemento estético a imaginação não pode trabalhar" — proposição acasos herética aos olhos da psicologia. Creio que no emprego desse elemento foi às vezes o sagaz crítico muito "ongé, e que não raro incorreu na pecha que exprou aos críticos "que se apazem em massacrar autores fazendo em torso de suas obras perfeitos jogos de malabarismos cabalísticos. Ele mesmo dá-me razão confessando o saber "de experiência própria que poucos prazeres igualem ao de inventar explicações para a fantasia alheia. Calcar uma invenção abstrusa sobre uma invenção espontânea: um prazer de deuses".

E' talvez um critério defendível, mas de mim declaro que o acho de todo em todo falso, se a crítica não é mais que o estudo arrazoado da obra darte, para descrever a, defini-la, explicá-la em si mesma e nas suas reações, e verificar como ela corresponde às intencões do autor. A quele prazer deus, se demais Araripe Junior, e dele ainda abusou nesta sua última obra. Nada obstante, é, como o seu José de Alencar, feliz aliás como exagerada submissão as odutrinas de Taine, talvez o que de mais forte nos deixou. Não fora o seu, ao que parece voluntário desculdo da forma, quero dizer da língua, um livro singularmente distinto na nossa produção literária. Desgraçadamente saiu sem cuidado algum de revisão, lincado de pastéis tipográficos e até com alterações do texto.

FLAUBERT — Araripe Junior

O grande defeito desse escritor foi um pessimismo epidémico. Diga epídémico, porque esse pessimismo não tinha por base uma concepção filosófica, nem o conhecimento do que há de transcendente na alma humana. O pessimismo de Flaubert resultava da frequência de caráter, fato que se refletiu em tudo a sua obra.

Diz Faguet que Flaubert era produto do orgulho e da timidez. Concordo, em parte. E, todavia, indispensável que a tal timidez se adicione a sua incapacidade quase completa para os trabalhos de síntese social: facilidade que E. Zola possuía em grande escala.

Não há uma só página de Flaubert, em que se pressinta preocupação sobre os destinos das sociedades, nem ainda na Tentação de Santo Antônio. Restando a vida de Cartago, a sua Salambô, escapou à sua curiosidade justamente aquilo que, do modo mais soberano, atravessa espíritos como Goethe, Michelet, Mannsen, Taine, Steinburne, Schiller.

Dói as lacunas de sua obra; e também a limitação do seu realismo aos caracteres médios e aos aspectos baixos da vida quotidiana.

E' bastante conhecida a sua repugnância pela política, e pelo estudo dos caracteres, em que mais se accentua o gomo de Shakespeare (Ricardo III, Julio Cesar, Henrique IV, Macbeth), — os ambiciosos de dor de se determinarem, coagidos por motivos inelutáveis.

Amlecar, pintado na Salambô! Impossibilidade do artista! Dêla fazem grande cabedal não só o escritor de "Mme. Bovary", como o estudioso Faguet. Vai nisso uma lição.

Não coube romancista menos indiferente, menos objetivo do que Flaubert. Os seus livros porçim-lhe, a cada frase, a alma inteira.

Pouco importa, para o caso, o processo de acurada observação, de que se utilizava esse crítico da vida. O que ele procurava, quando procedia à análise dos fatos, era o "documento subjetivo" — a sensação original.

O romancista via-se necessariamente forçado a buscar a identificação de objeto com o sujeito, do fato observado com a sensação inicial; e como esta se produzia com a violência própria dos temperamentos iracundos, orgulhosos e implacáveis, a consequência não podia ser outra senão a eliminação da já travada hipértofia dessa mesma sensação.

E' certo que Flaubert suprimiu sistematicamente de seus livros o peso dos românticos de emitir juízos ductos sobre os personagens, expendendo opiniões arbitrárias sobre o caráter de cada um.

Ao contrário disto, ele os colocava em cena como se fossem em levas, eucadente logicamente os acontecimentos, fazia-os falar de acordo com a natureza dos seus, e apresentava-os, no ato de se determinarem, coagidos por motivos inelutáveis.

Tudo isto parece o que há de mais objetivo na exposição da vida real.

Fois não é. A alma do artista era a causa única dessa sensação de realismo. Tais personagens são puras produções de uma evolução lógica realizada unicamente no cérebro do autor.

Reflexo da vida burgesa, observada com insistência, os romances de Flaubert são muito mais sonhados em suas particularidades, nos incidentes minúsculos da ação dramática, do que quanto fantasia desordenada tenha saído do cérebro do poeta imaginosa.

Os livros de Flaubert, tomadas em conjunto, não revelam o estado febril do mente de quem os compôs; mas qualquer de seus parágrafos, porque foram observados e meditados em plena subleção do trônio, característica do temperamento do escritor, são a febre artística na sua expressão mais eloquente. — a exaltação das bondades ou torpezas da vida comum levada ao cubo por um espírito aristocrata e elegante, que se aprazia em filtrá-las através das sutilezas de uma psicologia não raramente convencional.

Opiniões de Araripe Junior

A VIDA DOS ARTISTAS — Na vida dos artistas há situações que subleiam quanto existe de original e profundo na origem do seu pensamento e desdobram o desenvolvimento de sua obra horizontalmente, novas sensações.

A CRÍTICA DE ARARIPE JUNIOR — Ronald de Carvalho

Araripe não é, como apontou José Verissimo, um continuador das lições de Taine, um divulgador dos seus processos no Brasil. Era-lhe mister, para tanto, uma dicção mais límpida, um caráter literário mais firme, queremos dizer, um método mais constante e seguro na avaliação dos valores intelectuais. O subjetivismo do crítico cearense está em flagrante contraste com o objetivismo, as vezes até afetado, do autor da Filosofia da Arte.

A observação psicológica de Taine era direta, insinuava a causa, estabelecendo o fenómeno, fixava o tipo desenhando o ambiente, mostrava a obra revelando o autor. O filósofo não se comovia diante do homem, anotava-lhe os gestos, mediava as idéias, traçava-lhe a tônica interior pelos relevos da face ou pela vibração da palavra, tudo isso serenamente, saboreando as meias-tintas do conceito formado, levando ao último extremo as deduções recolhidas, com um prazer puramente intelectual, ou melhor, para estar mais de acordo com os seus princípios instintivos. Se, por ventura, era uma paragens, o que ele deveria descrever, o mesmo processo se desenvolvia, inevitavelmente. Os

planos topográficos destacavam-se nitidamente, e, sem tumulto, iam surgindo com a graça primitiva da criação, os rios, as árvores, as estradas cheias de pedras cintilantes, os bosques sombrios e silenciosos, os buracos ondulantes de colinas, o céu curvo e luminoso e inatingível. Dentro dessa ordem serena, movia-se o espírito de Taine para quem as idéias valiam pelas imagens que as representavam, pela projeção que deixavam de si mesmas nos nossos sentidos.

Ora, não se dá o mesmo com Araripe Junior. Seu estilo é, por vezes, impreciso, não tem o colorido necessário, a distinção das idéias, complica-se facilmente das coisas, porém, saumento com elegância, nem justeza. Perturbam-lhe a clareza dos comentários, frequentemente, certas imagens obscuras, certas aproximações incoerentes. Chamaram-lhe já, por isso, metafísico, à sua crítica. Vá que se seja.

Parece-me, entretanto, que ela reflete uma inteligência aguda, um tanto pessimista, um pouco paradoxal à sua maneira, capaz de refletir os mais finocombinantes das coisas, porém servida por uma vontade indecisa, que lhe não permitia dizer tudo quanto absorvia do mundo circostante. Não é uma crítica metafísica, mas uma crítica sutil que não encontra, muitas vezes, a sua expressão exata. Deve-lhe a nossa literatura, entre outros, dois ensaios valiosos sobre José de Alencar e Gregório de Mattos.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES - DE ARARIPE JUNIOR A JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro

Foi com verdadeira encante que percorri a sua História do Brasil, a qual me fez entrar em um mundo de que sabia pouco e que me fez aprender muito.

Não é longa a obra, mas é muito interessante, sabendo dos muitos costumes e fatos da vida de um povo que até agora andavam esquecidos pela maioria dos estudiosos brasileiros.

A sua história tem o seu lado de uma obra a subida. Com essa preocupação de estudar os fatos, tornando visíveis os aparelhos que concorreram para a civilização nossa terra, a quem, em geral, damos a natureza selvagem, desordenada e impetuosa e as suas narrações de história e de viagens.

Os capítulos impressos em tipo menor e destinados a expor as ideias gerais do livro e as questões de crítica histórica, agradaram-me imensamente. Não sobre a linguagem e o espírito, e por isso figurar nessa categoria de livros, não poderia ser mais acendado. Sobra lamentar que os capítulos narrativos não tenham sido dotados de mais intensidade dramática, sendo esses trechos como pareceu para a leitura de alguns alunos.

Receba, pois, os meus parabéns.

Espero que numa nova edição da obra v. modificará esse esquecimento dos fatos, e também faço votos para que o seu imperialismo "à Française", mal encoberto a fls. 197-8, tenha, por esse tempo, se atenuado para benefício de todos nós que o prezamos.

vezes que se lê a obra de Araripe Junior até a "Ceará". Há evidente a justiça desta afirmação. Se a verdade que Paes de Andrade raspa-se de dentro e de fora, e que os movimentos e forças imperialistas, sobretudo, não sucedem no Ceará. O presidente eleito dessa Estado, Teófilo Gualberto de Albuquerque, resistiu até o último momento, tendo recusado a oferta de Lord Cochrane mandou-lhe o seu sob a condição de se retirar as armas. No trabalho de Dr. Ribeiro, Catunda, João Brito e a Student encontram a prova de que naquela época a revolução foi tomada muito ao sério. O sangue com os seus abundantes, e os patriotas, directores do movimento, encontram-se pela maior parte abertos ao fim do processo de Paes, no governo de Teófilo Gualberto, tendo sido acusado por ser a força de 1200 homens. Outros talvez mais descontentes, como por exemplo o Sr. Gonçalo Noró, padeceram morte afrontosa, na força.

Espero que numa nova edição da obra v. modificará esse esquecimento dos fatos, e também faço votos para que o seu imperialismo "à Française", mal encoberto a fls. 197-8, tenha, por esse tempo, se atenuado para benefício de todos nós que o prezamos.

Receba um abraço de sua amiga

E. A. Araripe Junior

João Ribeiro.
Foi com verdadeira encanto que percorri a sua "História do Brasil", a qual me fez entrar em um mundo de que sabia pouco e que me fez aprender muito.

Não é longa a obra, mas é muito interessante, sabendo dos muitos costumes e fatos da vida de um povo que até agora andavam esquecidos pela maioria dos estudiosos brasileiros.

A sua história tem o seu lado de uma obra a subida. Com essa preocupação de estudar os fatos, tornando visíveis os aparelhos que concorreram para a civilização nossa terra, a quem, em geral, damos a natureza selvagem, desordenada e impetuosa e as suas narrações de história e de viagens.

Os capítulos impressos em tipo menor e destinados a expor as ideias gerais do livro e as questões de crítica histórica, agradaram-me imensamente. Não sobre a linguagem e o espírito, e por isso figurar nessa categoria de livros, não poderia ser mais acendado. Sobra lamentar que os capítulos narrativos não tenham sido dotados de mais intensidade dramática, sendo esses trechos como pareceu para a leitura de alguns alunos.

Receba, pois, os meus parabéns.

Agora uma censura de amigo e também de interessado. A censura é esta: - A pag. 284 do livro disse a propósito da malograda Confederação do Equador, que "as adesões foram mais palacianas que efetivas desde Alagoas até ao Ceará." Há evidente injustiça nesta afirmação. Se é verdade que Paes de Andrade raspa-se de Pernambuco, apenas mostraram-se as forças imperialistas, o protesto não sucedeu no Ceará. O presidente eleito desse Estado, Teófilo Gualberto de Albuquerque, resistiu até o último momento, tendo recusado a oferta de Lord Cochrane mandou-lhe o ofereceu sob a condição de se retirar as armas. Nos trabalhos do Sr. Theoborge, Catunda, João Brito e a Student encontram a prova de que naquela época a revolução foi tomada muito ao sério. O sangue com os seus abundantes, e os patriotas, directores do movimento, sucumbiram pela maior parte. Meu avô foi morto pouco adiante de Russas no povoado de Santa Rosa, tendo sido cercado por uma força de 1.200 homens. Outros talvez mais desventurados, como por exemplo o Sr. Gonçalo Noró, padeceram morte afrontosa, na força.

Espero que numa nova edição da obra v. modificará esse esquecimento dos fatos, e também faço votos para que o seu imperialismo "à Française", mal encoberto a fls. 197-8, tenha, por esse tempo, se atenuado para benefício de todos nós que o prezamos.

Receba um abraço de sua amiga

E. A. Araripe Junior



JOAQUIM SERRA

A figura de Joaquim Serra - Silvio Romero

Alem de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Franco de Sa, que ja estudei em capitulos anteriores, alem de Trajano Galvão e Gentil Homem, vistos mais ou menos individualmente neste capitulo, restam ainda dois illustres poetas maranhenses a analisar neste mesmo lugar: Joaquim Serra e Joaquim de Sousa Andrade.

Digo que faltam dois e a verdade seria dizer que faltam trinta ou quarenta, tal a abundancia de talentos poeticos naquela provincia dos anos de 1850 a 1870.

Os *Sessenta Anos de Jornalismo* (1820-1880) por Ignatius (Joaquim Serra) são um excelente esboço da publicistica maranhense no século XIX.

Juntaj agora a tudo isto as belas edicoes dos autores provincianos dirigidas por Belarmino de Mattos em suas oficinas, compreendendo livros de Sotero dos Reis, de Gonçalves Dias, de João Francisco Lisboa, de Sousa Andrade e compr. n. d. e a abundancia de documentos e a facilidade do trabalho.

Joaquim Serra viveu naquele meio e gozou da bela camaraderia de peregrinos talentos; fez parte daquele grupo que escreveu em colaboração o interessante romance *A Casa da Caneleira*.

Joaquim Serra é uma natureza de facil apreciação; foi um homem alegre, expansivo, de um otimismo inalteravel.

Numa alma assim armazenada, o entusiasmo tem entrada franca; se o temperamento é de poeta, a poesia será ali simples, galhofeira, ouzada, patriótica; se o temperamento é de politico, a intuição politica será o liberalismo em sua mais bela expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso indefinido, entusiastico pelo bem estar do povo, liberalismo alheio à democratização burocrática e destruidora, que mata e arrasa sem construir.

O nosso maranhense teve ambos os temperamentos: foi um poeta e um jornalista. Altiço; por uma e out'a face suas qualidades principais são o brasilianismo de suas inspiraçoēs, o humorismo amavel de seu estilo.

Ele foi um otimista; já o disse, e o meu leitor não se espante, nem esbugalhe demasiado os olhos.

Não sei que espécie de arragem pestifera soprou sobre certos espiritos, que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda a parte...

O nosso Joaquim Serra não dará por este lado grandes afazeres aos criticos; ele sofreu da moléstia contrária, era um otimista; digeriu bem e sabia dar gostosas gargalhadas. Tant' meus pour lui!

Sua biografia é simples e escreve-se em quatro palavras. Filho do Maranhão, fez all alguns estudos de humanidades; sem ter a massada de ir a uma academia buscar um diploma, verdadeiro trambolho muitas vezes, atirou-se logo muito moço ao jornalismo de sua terra natal; começou tambem desde logo a cultivar a poesia.

Mais tarde passou-se para o Rio de Janeiro, onde sua vida e sua arma foi sempre o jornalismo. Foi deputado numa ou duas legislaturas; no parlamento não se destacou por qualidade alguma especial.

Chegado a este ponto, é-me preciso agora dividir o assunto; mostrarei o poeta e depois o jornalista.

Desde muito moço principiou ele a exhibir-se numa e noutra esfera; seus primeiros ensaios são de 1858, 59 e 60 no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotero dos Reis.

Serra tinha all por companheiros: Gentil Homem e Marques Rodrigues; Serra usava o pseudônimo de Pietro de Castellamare, Gentil do de Flavio Reimar e Rodrigues do de Sanchão Falstaff.

Já então era notavel o poeta. Nesta qualidade deixou publicados quatro livros: *Verses de Pietro de Castellamare*, *Salto de Leucade*, *Um Coração de Mulher*, *Quadros*.

Nestas obras, entre produções originaes, há muitas traduções, nomeadamente dos poetas americanos.

Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das cores, pelo brasilianismo dos quadros.

Sent-se imediatamente que se está a tratar com um homem

que veio do povo, que conviveu com ele, que o conhecia, que se inspirou de sua poesia, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que tendo mais tarde lido os autores estrangeiros, e havendo-os até estudado e traduzido, nem porisso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brasilianismo e quebrar-se-lhe na lira a corda das antigas melodias sertanejas.

Serra foi um poeta local, evadido do impressionismo campestre e popular, e não tinha vergonha de sê-lo; antes o patenteava com desembaraço.

Acho-lhe razão nisto. Mais de uma vez no curso desta história, tendo defendido os foros desse poeta sertanejista, popularista, ou como lhe queiram chamar. E' um gén ro difficilimo; porque tem a maior facilidade em descaubar do belo para o ridiculo.

Serra escreve correntemente, sem rabisçar, sem preocupações estilísticas. O verso lhe sai natural e espontâneo; se vem errado, não o corrige, deixa-o ficar assim mesmo. Por este modo se explicam bastantes versos incorretos em poeta tão correto e fluente.

No género, que tenho discutido, o característico do escritor maranhense está em escolher sempre um fato simples e narrá-lo tal qual, pelo seu lado mais genérico; faz um esboço rápido, claro, de tom realista, num desenho firme, porem elementar e sem complicações.

Por isso *O Mestre de Reza*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga à Viola*, *O Rocio de Volta* são modelos da espécie. E' indispensavel citá-los para que o meu leitor se convença do que lhe afirmo.

Ele, O Mestre de Reza:
 Era o mestre de reza
 Exaustivo no porte e no trajari
 Portoso a vila em peso
 Quando a via se punha a cochichari
 Se da lista tiramos o vigário,
 E mais o boticario,
 Bem como o juiz de paz,
 Era o mestre de rosa
 O primeiro da vila, com certeza
 O homem mais capari!

Joaquim Serra não tocou somente a viola do sertanejo; manejou tambem a harpa das inspiraçoēs sociais e a lira das emoções amorosas.

Neste género são bellimosos os versos *A Minha Madona*.

Como jornalista, entretanto, é que este autor adquiriu mais intensa nomeada.

Suas primeiras armas fê-las elle no Maranhão desde 1859 e 60 no *Publicador Maranhense*, então sob a direcção de Sotero dos Reis, como disse.

Serra, como já notei, mavia então do pseudônimo de Pietro de Castellamare, assinando poesias e folhetins.

Em 1862 com alguns amigos fundou a *Coalizão* que advogava em politica o partido liberal, e conservou-se na redacção até 1865.

Em 1867 fundou o *Semanário Maranhense*, onde colaboraram Gentil, Sousa Andrade, Henriques Leal, Cesar Marques, Sotero dos Reis, Sabbas da Costa e Celso de Magalhães, então apenas estudante de preparatório.

O periodo ligeiro de 62 a 68, o nosso jornalista possuou-o em sua provincia, com algumas pequenas estadas no Rio. De então em diante estabeleceu-se definitivamente nesta capital, onde fez parte das redações da *Reforma*, do *Diário Oficial*, da *Folha Nova* e do *Pais*.

Nestas duas ultimas folhas foi o autor da interessante publicação sob o titulo de *Topicos do Dia*. Era um artigo diario consagrado ao acontecimento mais saliente da occasião.

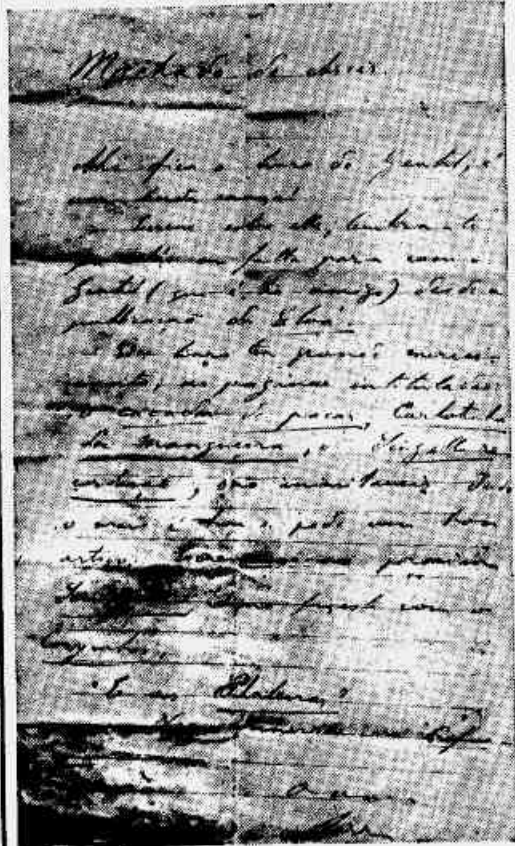
Os méritos deste brasileiro como jornalista são de fundo e de forma.

O fundo é sempre apreciavel, pelo bom senso do autor, seu liberalismo jamais desmentido, sua habilidade em discernir o lado fraco dos planos e acontecimentos politicos da época.

A forma é agradável pela sua simplicidade, seu desalinho na-

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

Carta de Joaquim Serra a Machado de Assis



Machado de Assis. Abri fide o livro do Gentil; é uma linda cousa! Escreve sobre elle; lembra-te que estás em falta para com o Gentil (que é teu amigo) desde a publicação da "Flora". Esse livro tem grande incremento; as paginas intituladas: o "Coadjuvador de puzes", "Cartolina da Marquês" e "Singela recordação", são inimitáveis. Tudo o mais é bom e pede um bom artigo. Escreve-o na proxima "Semana", como fizeste com o "Cobogonhas". E as "Phalenas"? Vae conversar na "Reforma".

O SERRA

tural, uma das faces do humorismo e da ironia do maranhense.

Ele espalhou pelos jornais materia para muitos volumes; seria util que tivesse feito uma escolha dos seus melhores artigos politicos e literarios e os publicasse em livro.

Não o fez, e apenas lhe conheço em prosa o pequeno volume que publicou em 1887 relativo à imprensa do Maranhão.

Deste livrinho recomendo especialmente os capitulos segundo e terceiro sobre a imprensa partidária e sobre os jornalistas eminentes no Rio e em sua terra natal.

Como documentação do estilo e das idéias do escritor repito aqui dois pequenos trechos.

Elis o primeiro: "A existência da imprensa politica é uma necessidade urgente em todos os centros de grande actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade que fora para desejar o seu programa de inteira isenção de animo nas lutas que dividem a sociedade. Como que ela se ressentisse dessa obriga, o que tinha o cidadão de Esparta de, por força, manifestar-se em favor de alguma das opiniões que dividiam a república.

A falta de imprensa politica como que obriga aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas contendas partidárias e a julgar delas de um modo arbitrário, como quem desconhecias paixões e entusiasmos que se acham em jogo".

.....

Ainda mais significativ é o trecho seguinte em que ele dá uma rápida idéa de alguns

dos mais eminentes jornalistas nossos; por ai pode-se apreciar o escritor no officio de critico literario. E' isto:

"Sem dúvida que é para encher de orgulho a um país novo como o nosso o falo de contar, entre os seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha e Firmiano Silva, sem falar de notabilidades que ainda vivem e que podem emparelhar com os mais illustres.

Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado, ele que, no dizer de um nosso distincto escritor, era a incarnação de notavel época, cujo nome simboliza a parte-mais brilhante da democracia do Brasil; o redactor da *Aurora Fluminense* se fazia com os seus esboços vibrar a alma da pátria e constituiu-se uma força decisiva nos dias do primeiro imperio".

.....

Em resumo, Joaquim Serra foi um meritório poeta e um assinalado jornalista.

Robusto, alegre e expansivo, seu bom humor habitual, deixando intactas suas primitivas impressões, encantou-o no ceoção aprazivel do lirismo patrio e do liberalismo tradicional e preservou-o de innovações perigosas e precipitadas.

A invasão das idéias modernas espalhadas pela filosofia do último quartel do século XIX fez-se nelle cautelosa e demoradamente, sem desmoronar de subito e de vez o antigo edificio de suas creanças e intuições. Bem pelo contrario, a passar de ter bastante lido e se lavour illustrado bastante, pode-se em rigor dizer que fundamentalmente o seu espirito conservou a mesma attitude e a mesma frescura primitivas".

O OURO DA SABEDORIA E DA BONDADÉ - Humberto de Campos



AMADEU AMARAL

A MORTE DE AMADEU AMARAL

JOÃO RIBEIRO

Que dia triste o de quinta-feira!
A chuva molinbenta e fria embaciava o ambiente. Não se via o céu nem se via o mar.

No "Petit Trianon" trabalhava a comissão fatigante e monótona do "Dicionário" quando de repente nos chega de São Paulo a notícia: Amadeu Amaral morreu.

Sabíamos todos que estava doente o colega e amigo, mas não podíamos pressentir o lígubre desfecho.

A terrível notícia paralisou os nossos trabalhos num recolhimento e silêncio que era uma espécie de prece.

Entretanto, a maior parte de nós bem sabia que a Academia mereceu de um poeta saúbrico o epíteto de Empresa funerária das letras.

Outro académico escreveu que era ela o túmulo da inteligência e a casa da Morte.

Esses precalços da mortalidade não a desmoralizaram ainda. E há sempre quem prefira esse género de suicídio.

Agora mesmo tumultuam as candidaturas a essa cadeira vazia.

E é um lugar de grandes tradições na literatura.

Amadeu Amaral ocupava a cadeira de dois grandes poetas: Gonçalves Dias e Olavo Bilac, que o excederam no estro, mas a quem ele igualou pela sensibilidade.

Nas sucessões académicas, porém, não se observa por impossível a eurtímia poética entre os que se vão e os que chegam. Quem escreve estas linhas, com seus entezados versos, jamais logrou alcançar a suave doçura de Luiz Guimarães, nem tão pouco os arrotos épicos de Pedro Luiz.

Amadeu Amaral possuía outros méritos; era uma prosaador admirável que tinha a arte de dizer, sem ênfase, tudo quanto queria dizer. Essa qualidade primacial do seu espírito e mais a vocação que a fatalidade fizeram ao jornalista sem par.

As suas disquisições folclóricas, o "Dialeto caipira" e os numerosos e excelentes ensaios de filosofia e de crítica sobre Dante, as "Letras Floridas", o "Elogio da mediocridade", etc. colocam-no entre os melhores espíritos da geração contemporânea.

Acreciam a esses dotes a sua sedução pessoal, a modestia, a ironia, a bondade e certo ceticismo que exornava a fina sensibilidade de homem culto capaz de medir os valores dos que a cercavam na sociedade.

E foi esse grande escritor que desapareceu dentre nós.

Excedera o nível comum da vulgaridade académica, e por isso ficara sendo um dos mais suaves e encantadores vultos do século.

Ele era o único dos académicos paulistas ao lado de Rodrigo Octavio que nasceu em São Paulo, mas pertenceu toda a vida à metrópole, do mesmo modo que Alfredo Pujol, sendo do Rio, parece ter sempre sido paulista.

Não quero falar do político, que ele o foi, com todas as suas boas generosas como só podiam fluir da sua grande alma.

Adieu! meu caro amigo!

A Cadeira n. 15 da Academia Brasileira de Letras, que Amadeu Amaral preencheu solenemente, vem sendo glorificada com o prestígio de uma honrosíssima tradição: a de ser ocupada por um poeta de insuportável superior e torção perfeita, e, conseqüentemente, por uma inteligência em que se elabora, concorre as fórmulas da alquimia divina, o ouro da sabedoria e da bondade.

Eu não sei, no Brasil, de figura mais simpática, mais digna, mas pura e que mais tenha nobilitado a espécie e as letras com o tesouro dos sentimentos generosos, do que Antonio Gonçalves Dias. As outras da sua estatura literária, não foram tão completas em humanidade. Alencar foi igualmente grande na sua arte, mas teve a perturbar-lhe o ritmo da criação as necessidades tirânicas da política, de que se tornava involuntariamente vassallo. Machado de Assis, que o sucedeu como primaz, foi prejudicado por um ceticismo que destituía em capítulos e que o tornava um antepassado entre os próprios contemporâneos. As outras personagens primaciais nos limites do século, de Porto Alegre a Castro Alves, incendiavam a sua ardeção humana com o fogo das paixões do tempo, ou viram-na desaparecer antes de tempo, na catástrofe irremediável das mortes prematuras. Gonçalves Dias foi o único, assim, a preencher um grande destino sonoro, a que a inspiração deu beleza e que o sofrimento, sempre alto, floriu e aperfeiçoou.

Os nossos homens de letras, como, em geral, o escol das criaturas humanas, são diamantes estrelados de falhas, abertas pela temperatura exterior, que é o meio em que fugim, ou pelas oscilações interiores, promovidas pela insegurança do próprio caráter. O poeta maranhense foi, entretanto, nesse ponto, incomparavelmente perfeito. Comparado pela generalidade de estranhos, foi-lhes gra-

to, até à morte. As suas amizades, as mais remotas, tiveram sempre o culto do seu carinhão. Erudito e trabalhador, não reprimiu a humildade passada nem lisonjeou, jamais, para sublimar e triunfar. Amava a pátria, adorava a Irené, e sofria, angustiado, por não ter, na terra, outras raízes a que se apegasse a árvore dos seus sentimentos. A família, as afinidades do coração e do sangue eram nela uma obsessão:

"Rotos na infância os laços da [família],
Os fados me vedavam reatá-los
Ter a meu lado uma consorte amada,
Rever-me na afeição dos filhos
[caros],
Viver neles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;

Quando o coração lhe reclamou uma companheira, não foi buscar a mais rica, nem a mais linda, para refúgio do seu amor e escada da sua glória: escolheu a mais triste. E foi infeliz. O seu martírio não se devia concluir com a subida ao Calvário. Depois de carregar a cruz, exigiu o destino que o martir fosse crucificado. A mulher tuberculosa e elumbrada, perturbava-lhe dia a dia o sossego do lar e do sentimento. Perdeu-a. Passados alguns anos, como a esposa estivesse na terra firme, o poeta, sonhando com a paz das coisas eternas, ficou sepultado no mar...

Toda a vida de Gonçalves Dias é feita, assim, de uma grande harmonia moral. Não venalizou a sua pena, o seu estro, a sua inspiração. A sua cultura, que era das mais profundas do tempo, bebeu-a nas fontes mais puras, pelos caminhos mais seguros e retos. As posições que atingiu, as missões que exerceu, as conquistas práticas ou literárias que realizou — foram, todas, o fruto de um trabalho tenaz, de uma probidade incorruptível, de uma vida em que um caráter de ferro se transformou em obra de arte,

e de ouro, na forja falcante do sofrimento.

Bilac, boêmio à maneira da sua geração, foi digno do antecessor. Atacado na sua glória, insultado nas virtudes essenciais do seu patrimônio moral, não impôs a ninguém a certeza da sua probidade. O tempo, que devora o metal, de que são feitos os petros, e respeita as pedras, de que se constroem os túmulos, havia de corrigir o engano dos homens. Onde, realmente, a falha sensível do caráter de Bilac? Onde a balança? Onde uma venalidade? Onde a lisonja aos poderosos? Que ouro lhe viram na mão sem o cunho de uma procedência honesta? Que cargos desempenhou, além daqueles que eram exercícios, normalmente, pelos mais mediores do seu tempo? Quem o viu, porventura, nas ações em que se distribuíam benesses, nos gabinetes em que se forjavam prestígios, nos ministérios em que se dissipavam fortunas? Coelho Netto, Murat e Medeiros e Albuquerque não foram deputados, com o aplauso de toda a nação? Alberto de Oliveira e João Ribeiro não são catedráticos de dois estabelecimentos de ensino? Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça não foram magistrados? Vicente de Carvalho não é, também, uma glória de magistratura? Fontoura Xavier não é ministro? Domicílio da Gama não é embaixador? Por que, então, as acusações aos poetas, que viveu modestamente seu meio século de solteiro, que morreu pobre, e que foi, apenas, na vida pública, secretário da municipalidade e inspetor do ensino municipal?

A cadeira de Gonçalves Dias guarda, assim, a lembrança de dois espíritos harmônicos, que ilustraram as letras com o seu talento, e a dignidade humana, com o seu caráter. Amadeu Amaral, poeta modelar e homem puro, vem continuar, agora, na Academia, as letras da tradição.

QUAES AS MELHORES OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA?

Respondendo a um inquérito sobre o tema acima enunciado, Amadeu Amaral assim falava em 1925:

"Quais são as obras primas da nossa literatura? "Ca depend...". Há obras primas universais, isto é, em qualquer país e em qualquer tempo serão obras primas; há outras que só podem considerar-se tais relativamente à restante produção de um país de uma época, ou mesmo de um autor. Também as há que só o são debaixo de um aspecto especial, ou dentro de um determinado género, embora seja este inferior em si mesmo. Assim como existem obras primas de observação, de imaginativa, de eloquência ou de forma, também se encontram, tanto nas curriedas da alta poesia como na planície da jocundidade despreocupada. Conheço legítimas obras primas de jornalismo quotidiano, perfeita quanto é possível dentro dos caracteres da espécie...

Mas a vossa revista parece encerrar a palavra no sentido de "obras universais". Nesse caso, o número de dez, que conjecturo como extremo limite provável, é de um otimismo extraordinário. Quantas nações do mundo podem apresentar dez, ou mesmo três, ou apenas uma

única obra universal? Cinco ou seis...

Restrinjamos, portanto, a elasticidade do termo a proporções mais modestas, e acharemos no Brasil algumas obras notáveis, que fariam boa figura em qualquer literatura mais opulenta: alguns dos romances de Alencar, a "Inocência", de Taunay, o "Braz Cubas", o "Dom Casimiro" e outras novelas e contos de Machado de Assis, os "Sertões", de Euclides da Cunha, as "Cartas de Inglaterra" e alguns dos discursos e conferências de Ruy Barbosa, a obra de João Francisco Lisboa, os versos de Dirceu, de Santa Rita Durão e de Gonçalves Dias, sem falar em outros prosaadores e poetas modernos.

Isto vai ao correr da pena. Fazer lista completa e justa, com calma e reflexão, escolhendo, pensando, comparando, seria talvez o ideal: mas tem o pequeno inconveniente de ser impossível...

Para as coisas da literatura e da arte não há sistema métrico: todas as medidas são temporárias, são variáveis, são dependentes de uma quantidade de coisas, como todos os julgamentos de valor.

Entre essas coisas, releva nos-

tar, há uma a que não se costuma dar a devida atenção: é a nossa vontade. Até certo ponto, é indiscutível que cada povo faz as obras primas da sua literatura. As grandes obras valem por si, não há dúvida; mas seria pueril querer ignorar a parte que toma no seu esplendor, na sua durabilidade, na sua influência através do mundo a vontade coletiva e obscura, mas pertinaz e poderosa dos povos que a elas ligaram o seu orgulho patriótico, a sua ânsia de poder, as suas esperanças de ressurgimento ou de expansão.

Para as nações que se habituaram a não ler os seus livros, que se contentam com o bloco procedência estrangeira, que não compreendem a necessidade de estimular os seus homens de letras, que não sabem rodá-los de uma atmosfera de solidariedade e de simpatia, que partem sempre do princípio de que os seus autores não podem prestar, para essas nações, evidentemente, não há obra que satisfaça. Falta-lhes aquela capacidade de "colaboração na obra feita", com a qual outros povos entram no espírito dela e comunicam-lhe virtualidade inextinguíveis e significados cada vez mais numerosos e mais autô-

ALGUMAS POESIAS DE

Surdina

Teu sorriso tão suave,
de espiritual doçura,
é suave e brando como um vôo de ave
na altura...

É um trecho de horizonte
que não se avista bem,
que se entremoura para além de um monte,
alem...

Os teus olhos, que a magua
de outra manhã circunda,
tem qualquer coisa que me lembra uma água
profunda...

Tem umas sombras mestas
como as penumbras onde
a vida misteriosa das florestas
se esconde...

Teus gestos indolentes
não se agitam jamais:
são como gestos, de convalescentes
em ats...

Lembram os passarinhos
que em vôos surdos, cansados,
— cotados...
procuram tristes o calor dos ninhos

Lembram o movimento
de águas mortas e turvas
que se enrugam de leve, lento e lento
em curvas...

Teu brando ser me lembra,
é solitária pomba,
tudo o que vai morrer, que se desmembra
e tomba...

É branda como a lua
pela manhã radiante,
incerta como a névoa que flutua
distante...

Doente como a rama
de uma árvore dolente,
que sobre um caímo rio se derrama
pendente...

Tens algo de saudoso,
de grave e de gentil,
que recorda esse encanto melodioso,
sutil...

Das cigítyas fanadas
de mortas formosuras,
que nos sorriem dentre desbotadas
molduras

Não sei se te amo, ao certo:
só sei que tú me arrastas.
Não te deixo, se te sinto perto;
não deixo outra coisa, se te afastas.

Canção

Vivi outrora numa terra,
longe destas gandarafas máis,
sonhando sempre com a guerra
no seio da mata rosca pa.

Era mul pobre a minha lenda,
mas tão risonha e tão feliz,
que a passadada fez vivenda
no mesmo ponto em que eu a fiz.

Mas eis que um dia me apareces,
no donaire do corpo em flor,
qual uma santa que pede preces;
preces te dei, preces de amor.

Segui-te. Errei por longes terras,
fui o teu pagem mais fiel:
por ti lidei cruentas guerras,
por ti me fiz de menestrel.

De rubras chagas sanguinosas,
sorrindo, todo me cobri,
como herói coberto de rosas,
que glorioso e forte sorri

Até que um dia, me julgaste
benção do céu, divino dom...
Fiquei qual quem, absorto e triste,
acorda em meio a um sonho bom.

E hoje, sem ter mais quem me entenda,
sou como alguém que viva azul;
em vão procuro a minha teuda,
a minha florea tenda azul

Voz interior

Fecha-te, sofredor, na alva tânica ondeante
dos sonhos. E caminha, e prossegue embebido
muito embora na dor de austero celebrante
de um estranho ritual, desdenhado e esquecido.

Deixa ressoar em torno o bárbaro alarido.
Deixa que voe o pó da terra, em torno. Adiante...
Val, tu só, calmo e bom, calmo e triste, envolvido
nessa tânica ideal de sonhos alveante.

É nessa escuridão do mundo o paradigma
da Renúncia e da Paz, uma sombra e um enigma
prepassando sem ruído a caminho do Alem.

E só deixes na terra uma reminiscência:
a de alguém que assistiu às lutas da existência,
triste e só, sem fazer nenhum mal a ninguém.

Nuvens

Sobre a lâmina azul de um céu todo bonança
passa uma nuvem clara em curvas franjas de onda,
— vaga que adormeceu num mar que não estronda,
nas mudas convulsões de uma tormenta mania...

Bruma, sonho da terra, ergue-se: e enquanto
[avança,
busca a forma fugaz, que se esboça e esbarronda,
qual se agarra, ali descal, alem, redonda,
boia ao sol que a redolra e ao vento que a emba-
[lança.

Sonhos, bruma secreta, entre anseios e dores,
sobem-nos da alma assim, livres, espaço em fora,
na lenta indecissão dos informes vapores...

Possam os meus pairar na luz por um momento,
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido — embora
suceda a cada esboço um demoramento.

EPIGRAMAS E MADRIGAIS

(Continuação da pág. anterior)

"Em Cujacão, em Menoquina,
Em Pegas e Ordenação,
Em reincoala, o estranham
Tem variadas de razão.
Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais!"
"Ah, senhor! (a homem replica)
Te-la-nos tribunista!"

Alguns dos seus melhores
gracjos deste género alveja-
ram os seus poetas, ou os poe-
tas de quem ele não gostava:

Bernardo envolto em lemisia
Insulsa némia recelta;
Ao rio ninguém recolta;
E o vate fúncio grita:
"Não riam que é coisa triste!"

Coridon

— Elmano, lê-me os teus versos.

Elmano

— Melhor sorte me dá Deus!
Treme disso.

Coridon

— E por que tremes?

Elmano

— Porque podés lêr-me os teus.

Comparavel a Bocage, senão
superior às vezes, sem dúvida
que só há o seu contemporâneo,
rival e por fim amigo, Curvo
Semedo. Alguns dos epigramas
deste poeta são verdadeiros
modelos do género, pela natu-
ralidade da elocução, pelo apu-
ro da forma, pela agudeza dos
conceitos e pela graça irresistí-
vel do humorismo:

O médico é sempre um ego,
que tem na mão um cajado:
Para exercer seu emprego;
E' pelo sistema chamado,
Estando vê co'a moléstia,
Quer á contenta por termo,
Ergue o pau, dá sem delicia:
Mata, se acerta no enfermo,
Cura se erra a doença.

Também este implicava com
os médicos. Implicância fingi-
da, como a de Bocage. Esses
poetas aprenderam dos autores
franceses a receita do género.
Provam-no as muitas traduções
que fizeram e o ar de seme-
lhança que há entre a sua ma-
neira e a daqueles. Com a coisa
importaram os temas em moda
entre os epigramatistas de
Alem-Pirineus, — que aliás,
por sua vez, os importaram em

grande parte dos antigos, —
os médicos, os poetas bizonhos,
a gente do furu, as mulheres,
os pedantes.

Mas recordemos ainda alguns
epigramas de Semedo:

Se os meus versos me compraste
E bem deles não falaste,
Não me agrava, sã favores;
Que máis prova o teu dinheiro
Do que estima os teus louvores

Remedia ao parvo Olívado
Teu primo, e dizem que mal;
Porém aqui em segredo,
Eu nunca vi arramado,
Que fosse tão natural

Se mais e bons atabalha,
Se tudo a cito facetas
Nas chéchas trovas que capalhas,
De quem louvores capetas?
Repara que todo aquele,
Que louvar-te se propozia
Vai aplaudir sem vergonha
O mal que tens dito dele.

Quando eu dera, se a paixão
Que sinto por Jônia bela,
Finsse em meu coração;
R—Desei mal que te flageta,
Tens o remédio na mão,
P—E qual ó?
R—Casar com ela.

Finalmente, esta quadrinha
consagrada a Felinto Elisco e
à sua tradução dos Mártires do
Cristianismo:

Quando os "Mártires" eu li
De Felinto na versão,
Tive do por ver que a eram
Outra vez em sua mão.

Afinal, aconteceu ao epigra-
ma, em Portugal, o que lhe
aconteceu em França: essa
brincadeira deixou de ser to-
mada a sério. Ficou entregue a
raros poetas humorísticos, que
sinda assim não curaram de
lhe manter as proporções nem
o bojeio antigo. Hoje rimam-se
facélias nos cafés e nos jor-
nais, e manda a justiça que se
lhes reconheça ao menos uma
boa percentagem de bem fel-
las, finas e espirituosas. A
graça democratizou-se. Entre
essas facélias podem destacar-
se muitas que sejam verdadei-
ros epigramas — por acaso.

Do madrigal, desde muito se
tem falado na literatura luso-
brasileira. Tem sido crivado de
referências depreciativas e
zombadoras.

Entretanto, o madrigal é qua-
se um mito.
O Conde de Monaraz escre-
veu de uma feita os seguintes
versos:

Deleste constantemente os madrigais,
Que são, minha senhora,
hipócritas, antigos e banais.
Não e portanto um madrigal dos tais
O que dirijo agora,
Curvado á flor de petelas reais.

Realmente, não é um madri-
gal dos "tais": é um madrigal,
evoluído, isto é, um poema pe-
queno com as mesmas intenções
galanteadoras dos outros, mas
sem a sua concisão e engenhe-
ridade.

Mas, por que os antigos ma-
drigais seriam todos hipócritas,
e os de hoje não? Mistério.

Desses madrigais evoluídos
poderia compor um lindo ram-
alheite, certo, quem se desse
o afanoso trabalho de percor-
rer uma a uma as obras da
nossa copiosa poesia. Seriam
deliciosas cousas, seriam mes-
mo deliciosos madrigais, mas:
não "dos tais", dos antigos.

Deleste, havia de ser muito
difícil apurar-se quantidade
que desse para um feixe esco-
lhido e malizado. O madrigal
clássico é raríssimo.

Só depois que se começou a
emburrar com eles é que os
poetas deram de madrigalizar
a vontade...

Os melhores exemplares anti-
gos se encontram ainda, talvez
entre os de Semedo: breves, po-
lidos e encantadores, como pe-
quenas joias de ouro velho. Di-
zei se vos parecem banais:

Soltas mais doce voz, aves saudosas:
Brotai novo malte, prados frescos;
Dobrai as sombras, árvores frondosas:
Mais fragrância exalai, flores virentes;
Que depois de uma ausência dilatada
Torna a ver-vos Martilla, meus am-
[hores!

Porem se virdes a cruel mudada
A novo amante conceder favores,
Em para lhe negai deste incensa-
[lância
Melodia, praver, sombra, fragrância,
Avea, campinas, arvoredos, flores.

Favónios leugreiros
Que passalhas meus suspiros nestes
[lvaltes,

Voa!, voa! ligeiro -
E á diva Jônia referi meus males,
Canta-lhe estas dores
que excitam na minha alma seus
[irrigores!

Mas ah! triste de mim! voa! fugidos
Levai ás brancas penas meus ge-
[midos!
Repara que a meu bom, Jônia incli-
[mente
De pedra não é toda, tem de pedra
O coração somente.



PLACA COMEMORATIVA — No salão de honra da Academia Bra-
sileira existe uma placa de bronze com os seguintes dizeres:
"JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO
* 20 - VII - 1838 + 29 - X - 1898
Maranhão Rio de Janeiro

All aparece o culto de Joaquim Serra que tem o braço direito
apoiado nos jornais: "Ordem e Progresso", "A Reforma" e "O País".
Ao lado, três volumes, com as seguintes inscrições na lombada:
— "Poesia", "Teatro", "Historia"

AMADEU AMARAL

O noivo da morte

Um dia o príncipe Lisuarte
(onde viveu? Seja onde for)
se achou tomado, de tal arte,
de um sonho tão devorador
que sem demora foge, e parte
para esses mundos do Senhor,
a ver se encontra em qualquer parte,
em qualquer canto, o seu amor

Perecorre as cortes mais formosas,
Damas de escol, damas em flor,
guirlandas matinais de rosas
cerceam o pálido viajor.
Dizem no olhar: "A quem esposas?
A quem preferes?" Mas oh dor
entre as princesas mais riosas
ele não acha o seu amor.

Procura o príncipe, procura,
passeia o olhar em derredor,
desce a choupana humilde e escura,
deixa os salões, deixa o esplendor.
E essa ambição, essa loucura,
esse delírio assustador
ninguém, ninguém, ninguém lho cura,
ninguém descobre o seu amor.

Regressa o príncipe desfeito,
sem riso o lábio já sem cor,
arriante e cavo o altivo peito,
caldio o olhar dominador;
e nesse olhar, — forte e perfeito,
vibra num vivo fulgor
seu grande sonho insatisfeito,
seu grande mal, seu grande amor.

El-rei seu pai dá-lhe a realza,
ele a recusa com horror;
dá-lhe uma nau, cuja esvelteza
so se compara ao seu valor;

dá-lhe um castelo, uma turquesa
que faz feliz o possuidor...
Sorri o moço com tristeza;
nada mais quer que o seu amor

So no torréo do paco, veia,
por alta noite, o sonhador;
contempla o mar sob a janela,
ouve-lhe o ronco, amplo estridor.
E eis que das ondas, alva e bela,
com um largo gesto sedutor,
surge a sorrir enfim aquela
que tem de ser o seu amor.

Ergue-se o príncipe, radiante,
radiante, enfim, o sofridor;
saíra a janela do mirante,
já espera o tempo de a transpor...
E o louco, o triste, o pobre amante,
da vaga ao rispido fragor,
recebe o beijo enregelante,
o beijo atroz do seu amor.

Aos meus camaradas

Por esta melancólica descida,
através de sarcasos e de atnelros
que seria, dizem, de minha vida,
sem vós, ó meus amados companheiros?

Que seria desta alma, assim ferida,
que seria dos sonhos derradeira,
sem quem me ouvisse a voz jamais ouvida
na surda multidão dos caminheiros?

Ah como é bom sentir, na treva incerta,
a amida voz que à nossa voz responde,
a doce mão que a nossa mão aperta

Vamos... Rodeá-me sempre assim... Cuidado
Quero, na acuridão que nos esconde,
ouvir os vossos passos a meu lado.

Soneto

A terra é dura, o sol é bravo; a grade
Festiveira; aves más e más formigas
Assolam tudo, e a planta acurinhada
Mal resiste a essas forças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
A terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
Frente do sulco da robusta enxada.

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
O sol e as aves não cruéis, e o resto,
Mais valor mostrarás em continuar.

Que é gentileza não viver escravo
Da ganância, e plantar só pelo gesto
Religioso e sereno de plantar!

Cirano

Tudo quanto possuas, tu o detes;
a alma, o talento, o sangue, a bolsa, e triste
foste, sem excessos, quanto quiseste,
mas nenhum de teus sonhos atingiste.

Odiaste os maus e os tolos como a peste,
acripre com a pontia do epigramma em riste;
afinal, teve mais do que tiveste
qualquer dos imbecis de que te riste

Autor, a Glória te escondeu a face;
herói, não te coraram nesta mundo;
passou na sombra a tua alma soberana.

E como tudo isto não bastasse,
tiveste um longo amor puro e profundo,
mas não colheste o beijo de Roxana!

NOTAS À LINGUAGEM DE CASIMIRO - Souza da Silveira

I
"E todos para o combate se apressam"
"Sejais bem vindos, dizem, para servir-vos"
Em ambos os versos, devemos escrever para.
Com o fim de corroborar a possibilidade de se reduzir a uma sílaba métrica *Meu An*, aduzo o seguinte verso de Gonçalves Dias, no qual temos de contrair numa única sílaba seu modelo dos mais perfeitos.
"Derramar seu ignobil sanguis".
E' um verso de sete sílabas (feita a contagem só até a última (tônica) da parte VII do *I-Juca-Pirama*.
Agora acrescento outro recurso: ler o verso "Meu Antonio, para mim não trazes nada?" (tal qual ele está no texto. Será um verso de onze sílabas, com acentuação tônica na terceira, sétima e décima primeiras sílabas, de cadência bastante aproximada à do decassílabo de acentuação na terceira, sexta e décima. Tal espécie métrica aparece de raro em raro entre decassílabos normais, como se vê do seguinte exemplo de Antonio Ferreira (verso 1317 da *Castro*):
"Se me vós não defendeis, vós me matais!"
Esse tipo de verso, irregular, aproveitado habilmente, produz belos efeitos de expressividade quando surge entre decassílabos normais. O mencionado verso de Ferreira estaria perfeitamente dentro da titula comum sem o primeiro vós:
"Se me não defendeis, vós me matais!"
Lê-se, porém, no contexto (tal qual ele se acha lá:
"..... O cavalheiro defende,
Que as tricks prometestes defender,
Defendei-me, que mouro inverte
Se me vós não defendeis, vós me matais!"

Esse verso, mais longo, dividido claramente em três partes:
"Se me vós não defendeis, vós me matais!"
como a frisar fortemente os diversos elementos expressivos do pensamento, acomodada-se, pela sua solenidade, ao exato enunciado de uma sentença que, pela força da sua lógica, deveria render os cavaleiros à súplica de Ignez de Castro.
Casimiro também empregou com êxito essa espécie de verso. Em "Meu Antonio, para mim não trazes nada?", as três pausas do verso e o seu alongamento traduzem uma pergunta imposta a Camões pela necessidade, mas que o poder lhe obriga a fazer aos poucos, arrastadamente e de vagar:
Meu Antonio, para mim não trazes nada?
Outro verso desse mesmo tipo é o 105.º, ainda de Camões e o Jau:
"O senhor! o pobre Jau não terá inanca!"
Faça-se com este o que se fez com o de Ferreira. Lê-se no seu próprio lugar. O Jau lembra-se da sua amada que morrera, e diz a Camões:
"Depois... tão pouco ainda eis fideles!"
O que eu chorei! E a dor pungente te ananca!
Até à morte sentir-te nesta alma
Que outro amor como aquele tinha (incerto).
O senhor! o pobre Jau não terá inanca!"
O último verso, com as suas três pausas, mais vagaroso, constituído por uma frase pronunciada aos impulsos, parceladamente, denota de modo felicíssimo uma dor que não se dá de uma vez, cuja expressão são nos poucos, e a custo, dos lábios que a recordam.
Em condições semelhantes está o último dos três seguintes versos, também de Camões e o Jau (298-301):

"Eu à pátria sobreviver! não quero.
Quem deste Portugal contos as glórias
Não pode a Portugal na mesma lira
"serfir o tanto fúnebre sudório".
Anotando o verso 87 da mesma cena dramática *Camões e o Jau*, em que há a pergunta "tu nunca amastes?", observei que o x final, que não é regular na 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, aparece, contudo, na linguagem clássica de quando em quando, e é frequente na fala familiar e íntima. Que, assim, tem bem Casimiro em empregá-lo para acentuar a familiaridade fraternal com que Camões se dirigia ao escravo para provocar deste uma confissão amorosa.
Do aparecimento esporádico do x final na língua clássica eu dei um exemplo de Bernardes. Acrescento agora este de Thomé de Jesus (*Trabalhos de Jesus*, 1865, II, pag. 207):
"Oh ditoso Chireneu, que "al-cançafes" por dinheiro, o que eu não mereço alcançar com lágrima, em levantar essa Cruz, e situações um pouco esse divino cordeiro do insano trabalho que leva; e ainda que é para chegar mais depressa à morte, mas é o que te deseja. Tu vés após ele com a Cruz sem o entendestes".
E ainda o seguinte de Fr. Agostinho da Cruz (*Várias Poésias*, Lisboa, 1771, pag. 146). Nos quais a forma com x final aparece a par da forma regular sem ele:
"Ah triste velho, triste. Inda mais triste fim de quanto ter poderas
Que "podestes" deixar a quem se regustas!
Que "podestes" negar a cujo crast!"
Para o verso 98 de Casimiro:
"Que enfeitam a minha lha tão formosa!"
propôs duas leituras: uma pronunciando-se *tam* a numa sílaba, outra proferindo-se *minhilha*.
Dão-nos abonação da primeira leitura versos como este de Camões nos *Lusadas*, I, 60:
"O Império tomaram a Constantino",

ou como estoutor de Machado de Assis (*Poésias Completas*, 1901, pag. 40):
"E se quebras um olhar, es tudo isso (e és amor)".
No verso de Camões temos de ler numa sílaba *ram* a e no de Machado de Assis um o.
A pronúncia de *minha lha* em três sílabas nos é autorizada pelo próprio texto de Casimiro na poesia *Lembras-te?*, verso 27: "Em cada hora — de uma esperança", em que se deve dizer *cada hora* em três sílabas, ou por este verso de Quental no conhecido soneto *A Virgem Maria*:
"E da paz da nossa hora derradeira..."
no qual nossa hora deve ler três sílabas.
O verso 223 de Camões e o Jau é o seguinte:
"Assazinha, assazinhada a vatei!".
E o verso 21 de *A uma plântia*:
"Vós, que viste o seu comoco?".
Anotando esses dois versos de Casimiro, eu disse que, usando de uma liberdade poética, ele suprimita o x final de *assazinhadas e ristes*. Assinala, também, que o mesmo ouvido brasileiro não sentia muito aquela apócope, porque temo: tendência para não fazer soar o x final em nosas fala descuidada. Não abonei, porém, o ato de Casimiro com o exemplo de outros autores. Faço-o agora com o exemplo de dois portugueses, acentuando que neles, por serem portugueses, não haveria tendência ao emudecimento do x final.
Um é Garrett, que, no poema *Camões*, pag. 262 da edição de Lisboa de 1844, disse o nome do rio Amazonas, com x final:
"Soberto Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória! Nem herdeira
(*Continua na pag. 209*)

Na edição das obras de Casimiro de Abreu, que publiquei comemorando o centenário do seu nascimento, salienta a injustiça de o considerarmos escritor incorreto. Apolando-me em dados de toda a segurança, provei que Casimiro de Abreu é tão correto como qualquer dos nossos melhores românticos e pode acentuar que, num ou noutro ponto, como no exato emprego dos demonstrativos, é modelo dos mais perfeitos.
As presentes notas são como um suplemento às que escrevi na minha edição das obras do poeta. Não vou rejeitar nada do que então disse: apenas requiecer a documentação, desenvolvendo as idéias e, uma ou outra vez, apresentando novas, sem destruir as primeiras.
Em *Camões e o Jau*, verso 4, assinala que se devia ler ou o estridor, fazendo-se uma só sílaba de ou o es. Esta síntese não é rara; por isso deixei de exemplificar o fato; mas faço-o agora com um verso de Magalhães na *Confederação dos Tamoios*, pag. 51 da edição de 1857:
"Era igual ao estridor da travaoad".
e com outro de Anthero de Quental, nos *Sonetos*, pag. 13 da edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933:
"Sól — Ao ervilha nozinho na mon-flanha".
No verso de Magalhães deve ler-se numa sílaba *so es* e no de Quental *o cr*.
Para o verso 35 do mesmo *Camões e o Jau* "Meu Antonio, para mim não trazes nada?" eu lembrara; e ainda lembro duas leituras: uma pronunciando-se *para* como se estivesse escrito *p'ra*, e a outra dizendo-se numa sílaba *Meu An*.
Em apoio da primeira leitura cito ainda Magalhães na *Confederação dos Tamoios*, 1857, págs. 49 e 75, onde se leem, respectivamente, os seguintes versos:

Em condições semelhantes está o último dos três seguintes versos, também de Camões e o Jau (298-301):

EDIFÍCIO ESPLENDOR

I

*Na areia da praia
Oscar riscou o projeto.
Saltou o edifício
da areia da praia.*

*No cimento, nem traço
da pena dos homens.
As famílias se fecharam
em células estanques.*

*O elevador sem ternura
aspele, absorve
num ranger monótono
substância humana.*

*Entretanto de há muito
se acabaram os homens.
Ficaram apenas
tristes moradores.*

II

*A vida secreta da chave.
Os corpos se unem e
bruscamente se separam.
O copo de whisky e o blues
distilam ópios de emergência.*

*Há um retrato na parede,
um espinho no coração,
uma fruta sobre o piano
e um vento marítimo com cheiro de peixe,
tristezas e viagens...*

*Era bom amar, desamar,
morder, viver, desesperar,
era bom mentir e sofrer.
Que importa a chuva do mar?
A chuva no mundo? e o fogo?
Os pés andando, que importam?
Os móveis riam, vinha a noite,
o mundo marchava e brotava
a cada espiral de abraço.*

*E vinha mesmo, subreptício,
em momentos de carne lassa,
certo remorso de Goiás.
Goiás, a estinta pureza...*

O retrato coçava o bigode.

III

*O' que saudades me faltam
da minha casa paterna.
Era lenta, calma, branca,
tinha vastos corredores
e em suas trinta portas
trinta crioulas sorrindo,
talvez nuas, não me lembro.*

*E tinha também fantasmas,
mortos sem extrema-união,
anjos da guarda, bodoques,
e grandes tachas de doce
e grandes cismas de amor,
como depois descobrimos.
Chora, retrato, chora.
Vai crescer a tua barba*

*neste medonha edifício
de onde tua infância surge
como um copo de veneno.*

IV

*As complicadas instalações do gás
uteis para suicídio,
o terraço, onde camisas tremem,
também convidam à morte,
o pavor do caixão
em pé no elevador,
o estúpido banheiro
de mil cores árabes
onde o corpo esmorece
na lascívia frouxa
da destruição prévia.
Ah! o corpo, meu corpo,
que será do corpo?
A alma se salva
ou se aniquila,
mas que será do corpo?
Meu único corpo,
aquele que eu fiz
de leite, de ar,
de água, de carne,
que eu vesti de negro,
de branco, de crema,
cobri com chapéu,
calcei com borracha,
cerquei de defesas,
embalei, tratei?
Meu coitado corpo
tão desamparado
entre nuvens, ventos,
neste aéreo "living"!
neste aéreo "living"!*

V

*Os tapetes envelheciam
pisados por outros pés.
Do cassino subiam músicas
e até o rumor de fichas.
Nas cortinas, de madrugada,
a brisa pousava. Doce!
A vida jogada fora
voltava pelas janelas.
Meu pai, meu avô, Alberto...
Todos os mortos presentes.
Não sabem acender a luz
com suas mãos entevadas.
Fumar ou beber: proibido.
Os mortos olham e calam-se.
O retrato descoloria-se,
era uma superfície neutra.
As dívidas amontoavam-se
A chuva caiu vinte anos.
Surgiram costumes loucos
e mesmo outros sentimentos
— Que século, meu Deus! dizem os ratos.
E começavam a roer o edifício.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



J.P.Ch.

POESIA, SÊDE DE PUREZA — Alphonsus de Guimaraens Junior

A poesia, tanto como uma fatalidade, é uma eleição. Não há poeta a casta enorme dos versificadores ande ali, enchendo o mundo, já tão dramático e saturado pelas tragédias, com a permanente genética dos seus mais versos. A poesia palra para o mundo e a poucos é dada a captar essa luz tênue, essencial de toda verdadeira arte. Há certamente um céu maldito ou uma noite estrelada para nos inundar dessa força misteriosa capaz de iluminar os nossos tantos vezes escuros e torvos caminhos interiores e nos trazer a presença de Deus. A poesia é a fixação no homem dos seus momentos mais puros. Vede como a infância está eternamente subindo a superfície da alma humana. Vede como todo momento acorda a lembrança de outros momentos que nos ficaram adormecidos no fundo das retinas, dessas retinas "tão fatigadas"... O poeta, mais do que todos os homens, tende para o absoluto. Seu desejo mais vivo e por isso mesmo mais pungente é o de se integrar em Deus, abandonando a carne falível e melancólica para fruir mais livremente das belezas do mundo. Porque o mundo é belo e iluminado para o poeta, que sabe descobrir em cada coisa e em cada ser a permanência da luz ingénua que os deve ter beijado no momento da criação. Tendendo para o absoluto, o poeta sofre o horror da contingência humana. Se um passado pode despertar-lhe na alma as asas que o transportaram a outras paisagens e outros sonhos, se o mar pode trazer-lhe (como lembrava Baudelaire) a sensação de um infinito pequeno a sugerir o infinito total, se por todos os caminhos há vozes que lhe falam da sedução do desconhecido, também o mundo inteiro lhe oferece espetáculo desolador da sua solidão. Ele pode sentir então um ser isolado no seu mundo. E se a sal dessa solidão, a sua voz, castigada com o estigma do sofrimento e da maldade humana, será uma

voz transfigurada e profética ou o balbúcio tímido de quem só vê a aurora, de quem só pode ver, como escreveu Carlos Drummond de Andrade, "a linha da guerra e do ódio entre os homens", o próprio poeta, e portanto a poesia. Estaria aí talvez o maior drama do destino dos poetas: a luta, não contra a realidade criada pelos homens. A sua necessidade de pureza e ingenuidade, de doçura e carinho. Muito longe dele, porque muito abaixo do seu sonho, ficariam as guerras e as chacinas, os ódios e as ambições que se limitam. A poesia é, para todo verdadeiro poeta, quase que uma intuição divinatória. O poeta ama o que há de mais belo no mundo: a infância, as virgens, as manhas. Para ele, tudo é poesia, e em tudo descobrirá o ritmo do seu coração. É um poeta como Verlaine que, batido pelas tempestades de uma atormentada vida interior, vencido pelas perfídias da carne, se volta para Deus nos versos iluminados de "Sagesse" e se confessa ferido pelo amor e pela bondade de Deus, dizendo trazer no peito uma ferida ainda sangrante. Ou então, como Baudelaire, se volta angustiadamente para o Senhor, para pedir-lhe força e coragem para suportar seu corpo e sua alma. O poeta chega ao seu instante mais alto: não se adaptando à realidade, deseja, ou transfundir-se no mundo, ferido pelo amor divino, ou receber de Deus a graça de suportar o seu corpo e a sua própria alma, a sua alma escravizada a uma sucessão de tristezas diárias e desesperada de encontrar o porto entressonhado, porto em que só poderá ancorar com a transfiguração da morte...

"Itinerário" (Livraria Editora Paulo Blum, Belo Horizonte, 1941), é o livro que vem revelar a grande alma de Armando Máz Leite, este moço que se extinguiu após uma vida de sofrimentos e soube descobrir a

"alegria de Deus". Melhor citamos, a "perfeita alegria", como queria S. Francisco de Assis. A vida de Armando Máz Leite pode ser resumida na sua sede de pureza. Naquela "vaga da pureza" ou naquele "apeio íntimo ao melhor e mais belo". Dentro das suas amarguras, do cercamento das suas esperanças, da irrealização de todas as suas aspirações, a sua alma cada vez mais se acentua e anelava por purificar-se. Por isso mesmo é que foi, mais do que tudo, poeta. Como poeta, sabia transfigurar o cotidiano e ver além das eternas e no fundo tão dolorosas aparências. Como poeta foi que ergueu ao Senhor o seu canto de humildade, agradecendo o seu sofrimento. E a lembrança que deixou da sua passagem entre os homens, da sua tão rápida e discreta passagem, foi a de um poeta a que nenhuma amargura conseguiu humilhar ou abalar. Um poeta que soube ser fiel a si mesmo e jamais traiu a sua aspiração suprema e mais sublime: caminhar sempre e resolutamente na direção da luz. Armando, cujo primeiro aniversário do morte transcorreu a 15 deste mês, diria numa das suas cartas ao sr. Tristão de Ataíde: "A precariedade da minha existência temporal como que acentuou o meu anseio pela LUZ (sem nenhum desejo mórbido de morte)". Quem o conheceu, jamais ignorou a sua revolta diante de tudo quanto fosse baixo ou vil. Procurou sempre viver num alti-plano, de onde poderia sorrir das pobres e loucas ambições dos homens, pigmeus tão distanciados da "perfeita alegria"...

Numa das cartas ao sr. Tristão de Ataíde, Armando confessava: "O ânimo com que venho suportando os meus quatro anos de doença, se foi a princípio irregular, de incertezas e de angústia, vai-se aos poucos serenando. Chocou-me demais o corte da minha carreira, o isolamento da vida, e rebelava-me. Afinal, depois dos

últimos embates, tudo se apagou no abandono à vontade de Deus, e, quanto é dado a minha fraqueza, eu me venho procurando conformar a cruz de Nosso Senhor, fazendo do meu sofrimento, com alegria, porque é a que Deus me dá, a minha arma de apostolado. Queiro Deus servir-se assim dele."

Com alegria... Com "severa alegria", como acentuou Guilherme Cesar em recente carta, Armando, experimentando pelas provocações que lhe iluminariam a alma sem repouso, soube dovar-se todo a sua fé. Dentro de um mundo aspero e contraditório, de um mundo calamitoso, lamentaria a diferença dos homens pelos problemas mais angustiosos, problemas tirânicos, capazes de absorver a todos dentro de uma onda não apenas de negativismo mas de propositada e desgraçadamente poderosa capacidade de egoísmo e respeito. Este moço de alma ardente se sentiria ferido, mais o que pela molestia inflexível, pelo indiferentismo, a desatenção e a irresponsabilidade que via em torno e contra os quais era preciso lutar sem desânimo. "É fácil amar os homens: é difícil amar a um homem", escreveria dentro daquela tantas vezes crispante sinceridade, qual acrescentar: "E, tal e qual Jesus nos ama, cumpre-nos, sem deixar de amá-los todos, amar a cada um como se fosse único. Entendeu-o S. Francisco de Assis, como entendeu que a atenção e a cortesia são das delicadezas mais finas da caridade cristã. Atenção, cortesia... O que de ruinoso não representa a falta de atenção nestes tempos apressados em que os homens apenas se entreolham os sentimentos e as doutrinas fazem moda, e as modas são volúveis! No fundo, já não nos compreendemos porque a falta de cortesia conflagra os que de nós se aproximam e lhes é um sinal de indiferença (dura palavra!) a seu respeito."

Está viva aí, nestas palavras, a sua fraternidade... Sabia atacar de frente, com uma doçura perceptível mesmo nos seus momentos de combate, o ambiente terrível e perigosamente convulso que o cercava. Wram os problemas políticos, a indiferença dos moços, mergulhados no mais árido pragmatismo, era a receptividade geral, muitas vezes irrefletida, para as doutrinas e os doutrinadores, era, sobretudo, a ausência de um ideal definido, o que o atormentava no mundo moderno. Mas sabia também que o que lhe competia "era lutar sempre e sem esmorecimento." Falamos da ausência de um ideal, definido, e claro é que nos referimos aos moços. Pois foi aos moços que Armando sempre se dirigiu, dentro de uma mocidade que o sofrimento jamais aniquilou. E era co-

mo moço que sabia extrair dos seus mais novas reservas de vitalidade, dessa vitalidade que fazia arder o seu espírito e o tornava um autêntico agido da sua causa.

Muito deliberadamente falamos da "perfeita alegria", para recordar que Armando Máz Leite, como poucos, soube encontrar nos caminhos do mundo. Desde cedo, sentiu-se guiado pelo desejo de suprar-se. Poderia sentir, como com Idencárcia, cansaço e "desejo de repousar, de repousar para sempre nas mãos de Jesus e encontrar para sempre o mundo de meus desejos incansáveis." Mas desse cansaço mergulhava sempre com uma força maior para se entregar às lutas que dele exigia o destino. E em todos os momentos saberia mostrar-se penetrado da perfeita alegria, sentindo suas as palavras do "I Florenti de S. Francisco": "Sobre todas as graças e dons do Espírito Santo, as quais Cristo concede aos seus amigos, está a de vencermos a nós mesmos, e de bom grado, pelo amor de Deus, suportar as penas, injúrias, opróbrios e mil sérias..." "Da Cruz das atribulações, e das aflições, nós nos podemos vangloriar, pois isto é nosso; e por isso disse o Apostolo: Eu não desejo vangloriar-me senão da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo."

Um dos ensaios mercedores de maior atenção nestes "Itinerários", todo ele impregnado da presença dessa alma profunda e inquieta, é aquele em que Armando analisa "O espírito poético do mundo moderno". E analisa com a certeza da função superior da poesia nestes momentos incertos. Com a certeza que o levaria a afirmar: "Indubitável é que o espírito poético ressurge. Pois a poesia, como projecção do homem, de sua ordem metafísica, no mundo exterior, é e será sempre a reintrodutora dos mistérios nos planos transtornados da existência."

E, em verdade, num tempo sufocado e sufocante como o nosso, quando tudo nos ensina o domínio das forças primárias sobre toda e qualquer aspiração mais nobre, é que passa pelos homens um maior desejo de purificação. É claro que esse desejo se reflete na poesia. E é nos poetas, mergulhados no sofrimento e na inquietude gerais, que essa verdade se manifesta de maneira poderosamente. E se fosse a poesia a voz da infância, das coisas límpidas e inocentes...

Todos nós nos sentimos dentro de uma noite em que é preciso lutar e vencer o mal. E somente a poesia poderá banhar-nos de pureza e guiar-nos à "perfeita alegria". E só ela conservará a infância no nosso coração...

(Belo Horizonte, 1941).

NUM BERÇO PERDIDO...

Num berço perdido
Que o mar embalança
Vem vindo ferido
Um pé de criança.
Que Herodes surgido
A flor da onda manas
Terá cometido
Estranha matança?
Não chores, ó gente
De olhar espantado
Na praia inocente!
No chão do mistério
O pé decepada
Fundará o império.



RIBEIRO COUTO
(Da Academia Brasileira)

Perfil de Joaquim Serra

(Continuação da pág. 198)
vrou Quadros, comecei a descobrir as belezas rústicas que o poeta cantou, da gente e dos costumes de sua terra:

El-lo ali é o Vicente
É mais o ruco-que-nado!
Oh, homem, fã'o a gente!
Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!
Pois patoscais nessa idade!
Eu aqui a plantar espinas
Tu folgando na cidade!

Toma a bênção do padrinho,
Meu, deixa esse fã'o a gente!
Moleque, sai do caminho,
Tira a sela do cavalo.

Sô'a-o depois no terreiro,
Fecha a cancela e'o a tranca...
Comadre, tome primeiro
Um becaçinho da branca.

E que suavidade emboladora na
Antiga à viola de uma tão viva no-
ta sertaneja:

Tu foste na encruzilhada,
Saíste ontem da aldeia;
Eu te conheço a pisada,
Eu vi teu rasto na areia...
Estou de tudo inteirado;
Vais embora ao igarapé;
Sei quem mora do outro lado
Na casinha de sapé...

Vi lousada a cajazeira
Onde teu nome escrevi
Pedra de rato certeira
Sô o meu deusou ali.

Quando do céu se aproxima
Alguem que morreu de asnar,
Iás de vez que já em cima
Cal uma estrela no mar.

Não fosse o muito que ainda tenho a dizer, reproduziria cenas dos seus trabalhos de teatro para comprovar o que adiante já atrás que o espírito de Joaquim Serra foi arrojado e fulgurante como um diamante brasileiro de boa água.

Galeria dos Homens Ilustres



PAULE MANUEL DA NOBREGA — Foi o primeiro superior dos Jesuítas no Brasil. A ele o Brasil deve serviços inestimáveis, de ordem espiritual e mesmo material. Nasceu em 18 de outubro de 1517, em Portugal, e faleceu em 18 de outubro de 1570, no Rio de Janeiro.



SR. LUIZ VERGARA, secretário da Presidência da República. É um escritor ilustre, um jornalista de reais qualidades, tendo feito o primeiro de homens de imprensa nas colônias do "Diário de Notícias", de Porto Alegre.



CAPISTRANO DE ABREU, sábio e historiador ilustre. No dia 33 do corrente transcorreu a data do seu nascimento.



HUMBERTO DE CAMPOS foi poeta, crítico, contista, jornalista, autor de "Memórias". Sua data natalícia transcorreu no dia 24 do corrente.

Carlos Malheiro Dias



Portugal perdeu um dos seus valores autênticos: o escritor Carlos Malheiro Dias. Conheçamo-lo muito bem, nós, os brasileiros, pois ele aqui morara durante longos anos, durante longos anos colaborara em nossos jornais, fizera vasto círculo de relações em nossos meios literários.

O escritor faleceu aos sessenta e seis anos, pois nasceu em 1875. Era natural do Porto. Coisa curiosa a publicar seus livros e entre estes convirá destacar os "Filhos das Ervas", o "Teles de Albuquerque", o "Paixão de Maria do Céu", romances, e o drama "Cagliostro", que foi representado em Lisboa com êxito. Em nosso país, dirigiu a publicação "História da Colonização Portuguesa no Brasil", monumento com que a cultura lusitana nos brindou por ocasião da passagem do Centenário da nossa Independência.

Carlos Malheiro Dias tinha igualmente a fibra de polemista, e seus artigos desse gênero são, não raro, verdadeiros modelos.

DA CORRESPONDÊNCIA DE JOÃO RIBEIRO

Carlos Malheiro Dias residiu durante muitos anos no Rio. Aqui se achava, quando publicava um volume de crônicas — "Verdade Nua". João Ribeiro estudou o livro, numa lida crônica publicada no "Imparcial". Em agradecimento, Malheiro Dias enviou ao sultãozinho brasileiro de "Verdade" uma carta, cuja transcendência agora que o escritor português acaba de falecer, se torna oportuna. Diz a carta de Malheiro Dias:

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1919
Meu ilustre mestre e querido amigo.

Embora tarde, pela que lhe peço desculpas, venho agradecer-lhe com a mesma sentida veemência com que o teria feito no próprio dia, as palavras de tão generosa simpatia que se dignou lançar sobre a minha pobre "Verdade Nua": pobre de nascimento, pela precipitação com que foram geradas para a vida efêmera do jornal azaradado, até a indignação, por uma revisão alvar, que se apostou em tornar indecorosa a decência da modestia.

Nunca, meu caro João Ribeiro, embora tão ausente do seu convívio, empalideceu a velha afeição que, ao voto, ainda mais engrandecida, se é possível, pela admiração, cada vez mais conciente, com que venho a seu talento e a serena grandeza da sua cultura, que lhe permite ver de tão alto as mesquinhas vaidades e as pretensões inferiores da ignorância.

Não lhe enviarei a "Verdade Nua", com uma dedicatória, porque, a este certo ponto, ela me obrigava mais na responsabilidade e na paternidade daquelas páginas defeituosas e frívolas, tão impróprias da sua atenção. O livro foi composto à revelia da minha vontade e impresso e revisado longe das minhas vistas. Veja, por isto que lhe digo, quanto

me teriam sensibilizado os louvores que a sua autoridade de mestre, guiada à indulgência pela amizade, me concedeu.

Desconchando na crítica o quanto nela interferiu a bondade, reconheço com alvoroçado jubilo, que o João Ribeiro me soube ver semelhante no que eu presumo defeituosamente ser.

Sempre me reconheci um péssimo narrador de superficialidades. Os assuntos de que anda afastada a minha atenção mental, não precisamente os únicos que me atraem. Sempre me senti incompetente com o jornalismo e avesso a essa literatura de periferia, que requer concisão, transparência e menos alvura intelectual, colocando o escritor na dependência despotica das turbas e condenando-o a tormentos todas as vezes que o escravo tentava rebelar-se contra a opinião ditatorial da mediocridade e por em concordância o bom senso com a probidade.

Sentenciado aos trabalhos forçados de uma Revista frivolíssima — onde, aliás, de tão pouco que me é pouquíssimo escrevo — calcule quanto báhamo você destilou na minha íntima amargura.

Estou plenamente de acordo com o que diz sobre a ausência de uma orientação na alma editorial da Empresa de Lisboa. Não tenho nada a dizer de intervenção dirigente, mas penso que poderia influir para a publicidade de uma literatura mais superiormente representativa da cultura e da mentalidade brasileira, se não fosse o receio de serem mutiladas por uma revisão longínqua e industrial as obras de responsabilidade, para Portugal veiculadas por meu intermédio. A reforma orográfica deixou Portugal sem revisores competentes.

Creia-me sempre, meu caro João Ribeiro, seu dedicado e afetuosamente amigo e admirador fervoroso e sincero

C. MALHEIRO DIAS

Notas á linguagem de Casimiro

(Continuação da pág. 203)

De teu resumo... Sim: recebo-a. Generoso "Amazonas", o legado. De honra, de fama e brío: não se A língua, o nome português na ter-

Mas esse mesmo Garrett, no mesmo poema, suprime o s final de Amazonas neste verso, que está na página 117:

"Do Tejo ao Zaire, e do "Amazonas" (ao Ganges".

O outro autor português que eliminou o s final é Bocage, que, em vez de viste, disse viste, de tal maneira que, juntando o acusativo à flexão verbal o acusativo do pronome pessoal da 3ª pessoa, ficou viste-os em lugar de viste-los. Isso vê-se na página 165 do tomo IV das Obras Poéticas, Lisboa, 1850:

Esquecei-vos Um momento de vós para lembrar. De dois saudosos, miseros amantes: Vós os vistes viver, morrer de amor.

"Viste-se" mortais, e pareciam Nu-

Vindo a autores brasileiros, menciono Porto-Alegre, no Colombo, página 271 da edição de 1892:

"Ali existe tua nave: "reconhe-

Se o escritor não tivesse omitido o s final de reconheces, deveria ter dito reconhece-las.

Aconselhei para o verso 315 de Camões e o Jan a leitura de Lusíadas em três sílabas:

"Ria: coragem! Os Lusíadas, nunca!"

Corroborando a possibilidade dessa contagem silábica, cito a João de Deus, Campo de Flores, 1898, pág. 320:

"Os Lusíadas estão como na hora!"

Acho que tal pronúncia dá oportuna ênfase ao verso de Casimiro.

Amor e crepúsculo

Cega e septuagenária, Madame Du Deffand, que passou a vida a desdenhar do seu meio e do seu tempo, sem sentir nem ligar a ninguém, foi a heroína de interessante história de amor senil, sobretudo curiosa pelo tardio despertar de um coração inhóspito aos sentimentos afetivos. Casada aos vinte anos, sem amor, teve muitos amantes, a começar pelo regente, sobretudo depois que se separou do marido, mas a nenhum realmente amou. Tinha pelos seus admiradores efêmeros indiferença ou repugnância: a todos, sem exceção, parecia delestar. A respeito de seu melhor amigo, o frio, elegante e discretamente sociável Pont de Veyle, refere-se o seguinte diálogo, que Miguel Osório reproduz em seu belo discurso de recepção.

— Pont-de-Veyle?
— Madame?
— Ou és tu?
— Au coin de votre cheminée.
— Couché, les pieds sur les chenets, comme on est des amis?
— Oui Madame.
— Il faut convenir qu'il est peu de liaisons aussi anciennes que la nôtre.
— C'est vrai, Madame.
— Il y a cinquante ans...
— Oui, cinquante ans passés.
— Et dans ce long intervalle, pas un nuage, pas même l'apparence d'une brouillerie.
— C'est que je toujours admiré.

Mais, Pont-de-Veyle, cela ne viendrait-il pas de ce qu'au fond nous avons toujours été fort indifférents l'un à l'autre?
— Cela se pourrait bien, Madame.

Madame du Deffand foi amiga de Voltaire, que, aos primeiros contactos, lhe notou "a imaginação viva e fecunda". Trinta anos depois de tê-la conhecido, lamentando sua cegueira, disse a uma amiga comum, a modo de consolo: "ôu moim, Madame Du Deffand conserve son esprit, que est encore plus beau que ses yeux". É certo que umas tantas atitudes o aproximavam, como fosse o desdem pela sociedade e o gozo material da vida, em seus aspectos mais requintados. Ela era para Voltaire a pessoa de seu tempo mais conforme a seu jeito e coração.

Madame Du Deffand detestava Diderot e os filósofos enciclopedistas, legisladores do espírito, mas sem gosto, e, a propósito, deixava transbordar sua admiração pela filosofia de Voltaire, a quem escrevera, desconsolada e amarga: "a só desgraça na vida é ter nascido. Nem um estado, seja qual for, parece-me preferível ao nada. E vás, que sois Voltaire, nome que resume todos os gêneros de felicidade — reputação, consideração, celebridade, todos os antidotos contra o desgosto, tendo todos os recursos, uma filosofia bem entendida, que defende o bem necessário à velhice; pois bem! Apesar de todas estas vantagens, seria melhor não tivesse nascido, pela razão que deve morrer, e que disto tem a certeza". (1).

As crônicas da época atestam a sublimação do frívolo nessa mulher de espírito.

Conta Maurois, (2) que Horace Walpole, tipo de celibatário original, indiferente e essencialmente britânico, chega a Paris em 1765, "para ver o teatro francês e comprar porcelana do país, sem outro interesse no rumo de sua vilagem". Quanto a literatura ele a acredita excelente passatempo, quando não se tem nada que fazer de interessante, mas em sociedade ela redunda em pedantismo e aborrece se professada em público.

Farto de tédio foi ter ao salão de Madame Du Deffand, onde o espera grata surpresa, em amena sociedade de velhos "porem velhos espirituais, cínicos, um tanto maldizentes" exatamente ao encontro de seus melhores desejos.

Para logo o inglês excêntrico faz a conquista da velha Madame, cujo coração amarrado pelos anos e calcinado pela insensibilidade, de súbito explode em verdadeira paixão. Sem poder contemplar Walpole, que lhe descrevem alto, magro, dedicado de traços físicos e dono dos mais belos olhos do mundo", ela lhe corre, timidamente, as mãos na face para avaliar a forma. E como Walpole lhe censurasse o ardor extemporâneo, ela responde que "é melhor não existir que não ter um verdadeiro amor", por sinal que nela tardio e único. Ele, conquanto valdoso de inspirar tal sentimento a uma mulher de espírito, tem horror às expansões sentimentais.

A parte mais interessante dessa ligação amorosa, entre um homem de 48 anos e uma mulher de setenta, é a que se derrama na correspondência epistolar, não obstante a advertência feita ao partir à sua amiga de que fosse sensata, que não o inundasse de ternuras, nem mesmo incidisse em reiteradas referências pessoais. Entretanto logo na primeira carta, não obstante a alegação de prudência e discrição, ela confessa que "não se pode amar mais ternamente que ela o ama".

A confissão de amor era o maior tormento de Walpole, que não se esquece de recomendar que evitasse "as indiscrições e entusiasmos românticos", o que a agasta a ponto de revidar: "cela me met en fureur, et je vous arrancherais volontiers ces yeux que l'ont dit être si beaux". Revence, revence à Paris et vous verrez comme je me conduirai". Mas logo a seguir ela escreve: "mon genre de folie est de n'avoir qu'un point fixe dans la tête, de ne voir que lui, de tout lui rapporter". E comenta Maurois: "Est-ce de l'amour? Mas oui, bien sûr, c'est de l'amour. A son âge? L'âge n'y fait rien".

A vista das cartas de Madame Du Deffand, Horace Walpole perde a calma, indigna-se, revivendo sua preocupação de ter riscado o amor de sua vida, e, por cúmulo, arrebatando nos sonhos de uma septuagenária! E escreve: "Vossas lamentações, Senhora, não acabam nunca? Arrependo-me de ter confessado minha amizade". E mais: "se a amizade tem todos os aborrecimentos do amor, sem ter dele os prazeres, nada me convida a cultivá-la". "Acaso serei o herói de um romance epistolar?"

Madame Du Deffand responde: "Não sei se os ingleses são duros e ferozes, mas sei que são presumidos e insolentes. Testemunhos de afeto, de cuidado, de desejo de revê-los, de tristeza e pesar da separação, eles tomam por índices de paixão". Acode Walpole: "se quiserdes que vos leia, deveis ser razoável, contando histórias e não me faleis de vossos sentimentos". E ela de sua vez quer respeitar seus princípios, embora sem compreendê-los... ficaria contente de não vê-lo zangado a ponto de lhe chamar Madame: "ce mot n'éla tous mes sens; que je suis toujours votre petite; jamais titre n'a si bien convenir à personne, car je suis bien petite, en effet..."

E mais adiante: "É verdade o que dizels, mas por que vive-mos e, sobretudo, por que envelhecemos? Que importa a velhice e a cegueira? Que importa o sítio em que se habita? Que importa seja vasto ou extravagante tudo que nos cerca? Quando a

POEMA EM PE'



Toda vestida de branco
Magnólia em riste
Investe para mim
Perdi a respiração
Procuo a bússula do inferno
Onde preferia me perder.
(Que espaço me reservaram os pobres deuses
Na partilha aérea?)
Toda vestida de branco
E's um áspero poema
Talvez a primeira e única alucinação do meu
[primeiro pai]

Ou do último homem
Toda vestida de negro
Ora esfinge ora pianola.

MURILO MENDES

A ronda das horas e dos desejos

Alí como a vida é um desengano lento
na alma, no coração, no pensamento
Ah! como tudo vem, e vai, e passa,
— riso e pranto, ódio e amor, graça e desgraça...
Nossa esperança é chama incerta e vaga,
que a um simples sopro, tremula, se apaga,
e a nossa fé, por mais profunda, é raça
como o chão, fugitiva como uma asa!
Clamamos de pavor, mas emudece
a nossa voz, ao buscar no alma a prece.
Toda a existência se resume em nada,
e o mais veloz minuto é uma escalada
por sobre abismos, através da treva.

empos da própria angústia que nos leva...
Divididos em ramos infelizes
desde a profundidade das raízes,
a alma anseia no amor pela unidade,
e o corpo busca a multiplicidade.
E pelas almas sempre mais vazias
voa a fuga das horas e dos dias,
e aos mesmos corpos miseros e ardentes
morde o desejo os seus agudos dentes.
E voltam sempre as horas e os desejos,
trazendo-nos a morte nos seus beijos,
sem nos matar, no coração ajitado,
esta fome, este sonho, este injústo!

ABGAR RENAULT

SUB TEGMINE FAGI

Bem me lembro, a casinha era de palha,
sem ornatos; um quartinho amigo,
que eu não trocara pelos céus fulgentes,
porque estavas comigo.

Que auroras tão risonhas despontaram
para mim, nessa quadra de alegria!
— é que teus lábios de escarlate vinham,
rindo, dar-me "o bom-dia".

Eu revivera ali a antiga usança
dos pastores da Arcádia e de Virgílio;
abandonara as vilas, — tão poético
achava o meu exílio!

O leite, a nata, o queijo, as frutas, tudo
de que reza o poeta Mantuano
havia então (perdoem o prosaísmo,
eu sou um ser humano.)

Uma vez, era à tarde, sobre a relva,
à sombra grata de árvore copada,
tu me ouvias a voz langue, piangente,
gemer apaixonada.

Recitava-te uns versos amorosos
— verdadeira expressão de amor —; estavas
presa à cadência doce e derradeira
da estrofe que findava.

Sentados juntos, fitos os olhares,
minhas mãos apertando tua mãozinha,
o teu hábito tédido e aromado
beijava a face minha.

Nossos joelhos se encontraram tímidos,
eu sentia tua mão tremer nervosa,
e teus olhos nadavam na marugem,
na humidez voluptuosa.

Ofejava-te o seio enclausurado
no corpete de nítida cambraia;
e o pesinho indiscreto se mostrava
entre as rendas da saia.

Beijei-te a mão mimosa, eu bem quisera
teus lábios oscular; tinha receio
de que fosse o meu beijo enodoar
o verniz de teu seio.

Nisto o vento travesso e zombeteiro
desfez o nó que atava o teu corpete,
e eu vi-te a raiz do colo virgem,
entre as sombras do enfeite.

Foi um momento só: trêmula, rubra
cruzaste os braços me ocultando o céu.
— "Oh, deixa-me que eu veja esse teu colo,
te disse, nu, sem véu!"

Nada disseste, mas eu vi tua face
cobrir-se com tal sombra de tristeza,
eras tão suplicante; arrepeni-me
dessa minha afoiteza.

Quis fugir de teu lado; eu tinha medo
de não poder conter o meu desejo.
"— Está sangado?" — disseste, dando a face
"— Um só!..." — e eu dei-te um beijo.

Recife — junho — 1870

JOAQUIM SERRA

EFEMERIDES DA ACADEMIA

- 22 DE OUTUBRO 1898 — São eleitos membros correspondentes, sob a presidência de Machado de Assis, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Eugénio de Castro, Rissé Reclus, José Echegaray, Herbert Spencer, Leon Tolstói, Paul Groussac, Bartholomeu Mitre, Garcia Merou, Guilherme Blet Gans, Carduí, Mommsen, Ibsen e Raphael Obligado. Anteriormente já tinha sido eleito Emilio Zola.
- 1863 — Nascimento de Domício da Gama, fundador da cadeira n. 33, que tem como patrono Raul Pompée.
- 23 DE OUTUBRO 1862 — Nascimento de Domício da Gama, fundador da cadeira n. 33, que tem como patrono Raul Pompée.
- 24 DE OUTUBRO 1929 — Falecimento de Amadeu Amaral, que fora eleito em 1918, para a cadeira n. 15, de que é patrono Gregório de Matos e que fora criada por Olavo Bilac. A Amadeu Amaral sucede o sr. Guilherme de Albuquerque.
- 25 DE OUTUBRO 1886 — Nascimento de Humberto de Campos, que substituiu na Academia Emilio de Menezes, que por sua vez substituiu na cadeira n. 20 de que é patrono Joaquim Manoel de Macedo.
- 1898 — São eleitos membros correspondentes, sob a presidência de Machado de Assis, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Eugénio de Castro, Rissé Reclus, José Echegaray, Herbert Spencer, Leon Tolstói, Paul Groussac, Bartholomeu Mitre, Garcia Merou, Guilherme Blet Gans, Carduí, Mommsen, Ibsen e Raphael Obligado. Anteriormente já tinha sido eleito Emilio Zola.
- 1916 — Fosse de Osório Duque Estrada, eleito para substituir Sylvio Romero. Foi saudado por Coelho Netto.
- 28 DE OUTUBRO 1896 — Falecimento do conde Amaral, que fora eleito em 1874, para a cadeira n. 15, de que é patrono Gregório de Matos e que fora criada por Olavo Bilac. A Amadeu Amaral sucede o sr. Guilherme de Albuquerque.
- 29 DE OUTUBRO 1906 — Falecimento de Franklin Americo de Menezes Doris, barão do Loreto. Foi um dos fundadores eleitos da Academia de Menezes, que por sua vez substituiu na cadeira n. 25, de que é patrono Junqueira Freire. Foi substituído por Arnono Joaquim Manoel de Macedo.